

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Letras
Curso de Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa

DALYSON DOS SANTOS OLIVEIRA

**A CRÍTICA LITERÁRIA NO CONTEXTO ANGOLANO: UM OLHAR PARA
AS REVISTAS *MAYOMBE*, *LAVRA & OFICINA* E *CULTURA*, ENTRE 2020 E 2024**

MARIANA

2026

DALYSON DOS SANTOS OLIVEIRA

**A CRÍTICA LITERÁRIA NO CONTEXTO ANGOLANO: UM OLHAR PARA
AS REVISTAS *MAYOMBE*, *LAVRA & OFICINA* E *CULTURA*, ENTRE 2020 E 2024**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso II, ministrada pelo Prof.
Dr. Ricardo José Alves.

Orientador da pesquisa: Prof. Dr. Bernardo
Nascimento de Amorim

MARIANA

2026

Dedico este trabalho a todos os camaradas
angolanos, cabo-verdianos, guineenses,
moçambicanos e são-tomenses que
escreveram e continuam a escrever livros.
Obrigado por me salvarem de mim mesmo.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Dalyson dos Santos Oliveira

**A crítica literária no contexto angolano:
um olhar para as revistas *Mayombe*, *Lavra & Oficina & Cultura*, entre 2020 e 2024**

Monografia apresentada ao Curso de Letras - Português da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - Português

Aprovada em 22 de julho de 2026

Membros da banca

Prof. Dr. Bernardo Nascimento de Amorim - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Carolina Anglada de Rezende - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Terezinha Taborda Moreira - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Bernardo Nascimento de Amorim, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 29/07/2026



Documento assinado eletronicamente por **Bernardo Nascimento de Amorim, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/07/2026, às 19:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1149598** e o código CRC **EA651D9C**.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por todos os ensinamentos.

À Clara, por tanto amor e carinho desde o primeiro momento em que nos conhecemos e por me mostrar que não é apenas o amor romântico que salva, às vezes, é a sua melhor amiga. É uma coisa extraordinária partilhar esta vida com você. Obrigado por me ensinar que casa não é um lugar, é uma pessoa. Obrigado pelo simples ato de existir em minha vida.

À Maria Eduarda, por sempre partilhar os melhores momentos da vida e por estar tão perto, mesmo morando longe.

Ao Professor Bernardo Amorim (UFOP), meu orientador e companheiro de todos esses anos na UFOP, e à Professora Iris Amâncio (UFF), companheira de longas conversas sobre as literaturas africanas, deixo a minha eterna gratidão. Eu realizei os maiores sonhos da minha vida com vocês. Obrigado. Obrigado por me fazerem sonhar tão alto e, sobretudo, por sonharem comigo. A gente conseguiu! Espero, um dia, ter um pouco da grandeza que vejo em vocês.

À Luciana, minha companheira dos congressos, que tanto me ensina sobre a vida. Que bom poder contar contigo.

À Ana e à Daniela, por terem sido tão importantes nesses 4 anos de UFOP.

Ao Alex, por tanta gentileza ao compartilhar comigo os melhores dias em Angola.

A todos os professores do DELET por cada aula ministrada.

A todos os camaradas africanos que escrevem livros.

A todo mundo que fez parte desta jornada, meu muito obrigado!

RESUMO

Ao longo desses últimos 20 anos, diversas afirmações de que a crítica literária em Angola não existe foram feitas por autores angolanos, e de que o *locus* da crítica se estrutura no eixo Brasil-Portugal. Tendo em vista as constantes declarações, em contextos e épocas diferentes e por variados pensadores, sobre a ausência ou presença de uma crítica literária em Angola, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como o sistema literário angolano se configura, no que diz respeito à circulação e à legitimação dessa “crítica literária”. Este estudo buscou compreender as concepções de “crítica literária” que fundamentam o exercício de críticos literários angolanos, identificando quem são esses críticos, quais são os critérios e parâmetros de seus exercícios, bem como as tendências que os orientam. Do ponto de vista metodológico, o caminho mais apropriado para a aproximação da crítica literária no contexto angolano consiste em articular a leitura do que os críticos dizem em seus textos. É pelas publicações nos periódicos *Mayombe*, na *Lavra & Oficina* e em um volume recolhido da seção “Cultura”, do *Jornal de Angola*, entre 2020 e 2024, que se torna possível chegar mais próximo dos modos de circulação e fomentação da crítica literária no interior de Angola, em um contexto no qual, como apontam diversos autores, essa prática ainda se apresenta de forma incipiente e irregular.

Palavras-chave: crítica literária, literatura angolana, *Mayombe*, *Lavra & Oficina*, “Cultura”.

ABSTRACT

Over the past twenty years, various Angolan authors have asserted that literary criticism does not exist in Angola, or that the *locus* of such criticism is structured around the Brazil-Portugal axis. Given the persistent statements made by diverse thinkers across different contexts and eras regarding the presence or absence of literary criticism in Angola, this research is justified by the need to understand how the Angolan literary system is configured with respect to the circulation and legitimation of this “literary criticism”. This study sought to understand the conceptions of “literary criticism” that underpin the work of Angolan literary critics, identifying who these critics are, the criteria and parameters guiding their practice, and the trends that shape it. From a methodological standpoint, the most appropriate approach to examining literary criticism in the Angolan context is to analyze what critics express in their texts. It is through publications in the periodicals *Mayombe* and *Lavra & Oficina*, as well as a collected volume from the “Culture” section of the *Jornal de Angola* spanning 2020 to 2024, that one can gain a better understanding of the ways literary criticism circulates and is fostered within Angola, a context in which, as various authors have noted, this practice remains in an incipient and irregular state.

Keywords: literary criticism, Angolan literature, *Mayombe*, *Lavra & Oficina*, “Cultura”.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - <i>Lavra & Oficina</i> N° 001 - 2020	16
Quadro 2 - <i>Lavra & Oficina</i> N° 002 - 2021	21
Quadro 3 - <i>Mayombe</i> 1ª edição - 2021	28
Quadro 4 - <i>Mayombe</i> 2ª edição - 2022	40
Quadro 5 - “Cultura” – <i>Jornal de Angola</i> - 2024	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: “FAZ-NOS MUITA FALTA A CRÍTICA LITERÁRIA”	9
CAPÍTULO 1 – ALGUNS POUCOS ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA EM ANGOLA	16
1.1 Lavra & Oficina Nº 001 – 2020.....	16
1.2 Lavra & Oficina Nº 004 – 2021.....	20
1.3 Mayombe 1ª edição – 2021	28
1.4 Mayombe 2ª edição – 2022	39
1.5 “Cultura” – <i>Jornal de Angola</i> – 2024.....	45
CAPÍTULO 2 – TENDÊNCIAS E PARÂMETROS DA CRÍTICA LITERÁRIA EM ANGOLA	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS DA CRÍTICA LITERÁRIA EM ANGOLA	54
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO: “FAZ-NOS MUITA FALTA A CRÍTICA LITERÁRIA”

Em diferentes momentos nas últimas duas décadas, escritores e intelectuais angolanos (e não só) fizeram afirmações semelhantes e recorrentes no debate sobre a existência (ou ausência) de uma crítica literária “audaz e regular” em Angola. Em 2006, o autor José Luís Mendonça afirmou, em entrevista à revista *Poesia Sempre*, que, no contexto angolano, a questão da crítica literária é complexa. O poeta angolano diz: “Angola é um país onde ainda não existe uma crítica literária audaz e regular” (Mendonça, 2006, p. 20). E continua: “O poeta Ruy Duarte diz mesmo que não há crítica literária em Angola e isso não permite separar o trigo do joio” (Mendonça, 2006, p. 20). Anos mais tarde, em 2020, na revista *Gazeta Lavra & Oficina* (Edição nº 001, nov./dez. 2020), em entrevista concedida ao pesquisador João Maria, o escritor Boaventura Cardoso afirma: “faz-nos muita falta a crítica literária e é importante que seja constituída em instituição” (Cardoso, 2020, p. 10). De modo semelhante, Michel Kanianga, na Edição nº 004 (maio/jun. 2021), também da *Gazeta Lavra & Oficina*, ao discutir a produção do livro em Angola, aponta como ausentes no mercado editorial “críticos literários assumidos e empenhados” (Kanianga, 2021, p. 19). Por sua vez, o escritor Jacques dos Santos, em 2020, negou a existência de uma crítica literária em Angola, segundo o crítico literário Agostinho João (2021), em seu ensaio¹, na revista *Mayombe (corpus analisado na pesquisa)*. Entretanto, ao ser refutado por Luís Kandjimbo, publicou uma carta aberta no *Jornal de Angola*, na qual reforçou o seu pensamento, afirmando que a crítica literária em Angola “Anda provavelmente escondida em sítios onde em nada contribui para a evolução da literatura angolana” (Jacques *apud* João, 2021, p. 97). Mais recentemente, em 2024, em entrevista concedida no contexto angolano – ao *Jornal Angolano de Artes e Letras*, na seção “Cultura” –, o escritor Fragata de Moraes ressalta: “Não se compreende que escritores como Pepetela, Fragata de Moraes, entre outros, sejam de leitura obrigatória nas universidades brasileiras e no seu país, não. Sou mais conhecido nas universidades brasileiras em relação às de Angola” (Moraes, 2024, p. 21).

Esses questionamentos e indagações também se expandem para outros cenários, sem se restringir apenas aos intelectuais angolanos. Ao refletir sobre a circulação das literaturas africanas de língua portuguesa, o moçambicano João Paulo Borges Coelho, em seu texto “Lugares da escrita, lugares da crítica”, chama a atenção para o fato de que a circulação das

¹ “O animal menos dotado contra o cágado no cepo: fobia argumentativa, egocentrismo doentio, falácias de diversão e narcisismo indígena – enfrentamento dialéctico do choque discursivo entre Luís Kandjimbo e Jacques dos Santos”.

obras de autores africanos que escrevem em língua portuguesa se dá, principalmente, no eixo Brasil-Portugal. Borges Coelho apresenta duas razões para tal: a primeira diz respeito ao espaço “periférico”, no qual o autor africano de Língua Portuguesa escreve; e a segunda, ao fato de a “[...] indústria do livro ser muito incipiente [naqueles] [...] países [os PALOP]” (Coelho, 2008, p. 193).

Embora formuladas em contextos e épocas distintas, essas afirmações convergem para uma mesma questão: qual é o lugar da crítica literária no sistema literário angolano? Para responder a tal questionamento, torna-se interessante recorrer à noção de “sistema literário”, formulada pelo crítico brasileiro Antônio Candido e retomada por Anita Martins Rodrigues de Moraes, em seu texto “Sistema literário”. Candido compreende a literatura como parte de um sistema amplo que articula produção, circulação e recepção. De acordo com Moraes, o crítico estabelece que os elementos decisivos, os “denominadores comuns”, responsáveis pela articulação de um “Sistema literário” são

[...] 1) conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel; 2) conjunto de receptores; 3) mecanismo transmissor (“de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos” [Candido, 1964, p. 25]). A esses elementos, acrescenta outro: a continuidade. Ou melhor, quando a literatura se constitui como sistema, “[...] ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária” (Moraes, 2023, p. 253).

Tal formulação candidiana está associada à compreensão da literatura enquanto prática social, pois, conforme a pesquisadora explica

Concebendo a literatura como uma prática social entre outras, propõe que a investigação de certos fatores externos – como a posição social do autor, o modo de circulação da obra, que inclui a natureza de seu veículo (oral, manuscrito, impresso), e a maneira como se dá a recepção – pode contribuir para uma melhor compreensão do texto literário, objetivo maior do crítico. (Moraes, 2023, p. 254).

Nessa perspectiva, como aponta Moraes

[...] o conceito candidiano de sistema literário articula, de maneira dinâmica, elementos internos e externos às obras. Os elementos internos, formando um conjunto coerente, configuram o chamado *sistema simbólico*, ou seja, consistem nos recursos expressivos comuns às obras. Os elementos externos remetem aos fatores socioculturais indispensáveis para a existência do sistema simbólico (ou seja, para que as obras sejam produzidas e lidas). (Moraes, 2023, p. 257-258).

Em síntese, os elementos internos dizem respeito aos componentes formais, estéticos e expressivos das obras literárias, enquanto os externos remetem às condições sociais, culturais e institucionais que possibilitam a produção, circulação e recepção, envolvendo diversos agentes da prática literária, “desde os escritores e o público leitor até os livreiros e críticos

literários” (Moraes, 2023, p. 258). Assim, a análise não se restringe ao texto em si, mas leva em consideração os agentes, as instituições e os mecanismos envolvidos, como já exposto. Esse entendimento remete a uma concepção da literatura enquanto “sistema simbólico de comunicação inter-humana” (Candido *apud* Moraes, 2023, p. 256).

Ao retomar a obra *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (2000), Moraes destaca que a literatura só se constitui plenamente quando há a articulação entre sistema de produção, circulação e recepção, isto é, a existência da literatura, como “sistema”, pressupõe a articulação entre escritor-obra-público. É nesse sentido que ela explica: “[...] investigar como se organizam os produtores (escritores) e os receptores (público) das obras literárias, como elas circulam e em que suporte, torna-se fundamental para reconhecemos a dimensão social da literatura.” (Moraes, 2023, p.256). Essa perspectiva é essencial, pois permite analisar a Literatura Angolana para além das obras individualmente consideradas, remetendo para os mecanismos que possibilitam a circulação e a legitimação. Entre esses mecanismos, a crítica literária assume um papel significativo, tendo em vista que ela atua no processo de mediação e legitimação de obras e contribui para a consolidação de um sistema literário, já que ela está entre os “os grupos sociais envolvidos na prática literária” (Moraes, 2023, p. 258). Tal concepção se mostra, particularmente, relevante, pois, como afirma Moraes: “O sistema literário, como concebido por António Candido, é, assim, conceito articulador de diferentes esferas da realidade, envolvendo a economia, as relações sociais e a esfera da cultura” (Moraes, 2023, p. 258).

Embora Candido conceba o sistema literário a partir da articulação escritor-obra-público, aqui, deslocamos (ou especificamos) a atenção à crítica literária, vista como instância de poder, sendo, então, a tríade desta pesquisa: escritor-obra-crítica. Desse modo, sem desconsiderar a importância do público na consolidação de um sistema literário, interessa-nos observar a relação entre escritor, obra e crítica, tendo em vista que é por meio dessa terceira instância que se tornam visíveis os processos de valorização e consolidação de obras e autores.

É por esse caminho que surge o questionamento: “O que é a crítica literária?” No texto “Crítica literária”, de Nabil Araújo, há uma tentativa do autor de sintetizar algumas definições e entendimentos sobre a crítica literária e de questionar a sua dimensão. Durante o texto, o autor retoma alguns conceitos já propostos por outros autores, como Massaud Moisés, em sua obra *Dicionário de termos literários* (2004), e Fabio Durão, no livro *O que é crítica literária?* (2016). Ao recuperar a noção estabelecida por Moisés, que Araújo destaca, ganha realce a relação com o ato de julgar: “a crítica pressupõe, necessariamente, o ato de julgar, isto é, conferir valor às coisas, no caso obras literárias” (Moisés *apud* Araújo, 2021, p. 45). Com base

em Durão, encontra-se no texto de Araújo a seguinte definição: “a crítica literária é a apreciação fundamentada dos méritos e das falhas, das qualidades e dos defeitos de uma obra de literatura” (Durão *apud* Araújo, 2021, p. 44). É importante ressaltar, contudo, que os conceitos recuperados por Araújo são, para ele, apenas definições simplistas para respostas rápidas, que não se sustentam pela abrangência do conceito em si. Ao recuperar a discussão, o próprio Araújo demonstra que a crítica não pode ser reduzida apenas ao ato de dar valor e julgar, uma vez que ela envolve muitas outras esferas. Como afirma Durão, o “conceito de crítica literária, neste caso, passará a abranger vários vetores distintos, linhas de desenvolvimento que se complementam e reforçam, mas que também entram em tensão e até mesmo se contradizem” (Durão *apud* Araújo, 2021, p. 44).

Durante a leitura, fica claro que a elaboração de critérios de julgamento tem sido central para a crítica literária, formando um campo teórico e prático que se desenvolve ao longo da história, com múltiplas abordagens e tensões entre si. Ao discutir a proposta de H. M. Abrams, Araújo destaca que os parâmetros da crítica podem organizar-se em torno de quatro elementos fundamentais: a obra, o autor, o universo a que a obra se refere e o público a que ela se destina. Araújo retoma Abrams e diz: “Com o quadro de referência composto por essas quatro coordenadas da crítica estética, tendo a obra no centro, circundada pelo artista que a produziu, o universo a que se refere e o público a que se destina, Abrams se considera apto a dispor teorias críticas diversas para fins de comparação” (Araújo, 2021, p. 47). A partir dessa formulação, torna-se possível compreender que não existe um único modelo de crítica literária; ele varia de acordo com os critérios de análise e julgamentos estabelecidos pelos próprios críticos. Araújo enfatiza, ainda, um entendimento de Abrams, no qual o autor diz: “um crítico tende a derivar de um desses termos suas principais categorias para definir, classificar e analisar uma obra de arte, bem como os principais critérios pelos quais ele julga seu valor” (Abrams *apud* Araújo, 2021, p. 47).

Por sua vez, ampliando o debate da crítica literária para além do mero ato de julgar e atribuir valor, o moçambicano Borges Coelho entende a Crítica como uma prática institucionalizada ligada diretamente às universidades. O autor assegura:

[...] a Categoria Crítica, em regra reside nas universidades (secundariamente nos media e outros lugares), que procura desocultar os sentidos do texto por meio de narrativas hermenêuticas, e que, apesar de uma natural diversidade, se caracteriza por alguma coesão, até por tender a utilizar uma mesma gramática [...] (Coelho, 2008, p. 197)

Tal observação assemelha-se diretamente ao posicionamento do angolano Boaventura

Cardoso, ao afirmar que falta uma crítica literária em Angola e que ela deveria ser constituída em instituição (2020). Pode-se perceber que as posturas dos dois autores se aproximam ao entenderem que a questão da crítica literária, aqui trabalhada, não se restringe apenas à falta de avaliações sobre obras literárias, mas também à ausência de um espaço institucional consolidado para reflexões teóricas. Borges Coelho ainda assegura que a “Crítica não é ingênua, a sua finalidade é precisamente desvendar” (Coelho, 2008, p. 197), o que reforça ainda mais o seu posicionamento sobre a crítica ser especializada, já que ela busca produzir sentidos e desvendar aquilo que a sociedade, os leitores comuns, não consegue enxergar. Complementarmente a essa definição do moçambicano Borges Coelho, o angolano Agostinho João, editor-adjunto, na primeira edição do periódico *Mayombe*, já na introdução, argumenta: “O objectivo primordial e essencial da Crítica Literária é analisar, interpretar de forma racional os materiais literários. É, portanto, neste exercício interpretativo que a Crítica Literária pode desvendar determinadas fragilidades ou qualidades, revelando, deste modo, o carácter valorativo das obras literárias.” (João, 2021, p. 8). Ambas as afirmações se aproximam de compreender a crítica literária como um processo de desvendamento; ela busca revelar sentidos e possíveis fragilidades que não são percebidos pelos leitores comuns.

Essas discussões acerca do sistema literário e da crítica literária convergem para a necessidade de compreender as condições históricas e institucionais da constituição da Literatura Angolana. Ao discutir a formação dos sistemas literários, Candido destaca a importância da existência de produtores, receptores e instituições capazes de garantir a continuidade da circulação das obras. Retomando esse pensamento, e percebendo um certo viés “nacionalista” na perspectiva de Candido, Moraes observa:

O sistema literário da Formação é um “conjunto articulado de obras”, obras produzidas e recebidas por certos grupos de letrados, ou ainda, o sistema consiste no conjunto (coeso, orgânico e coerente) de obras que lidam, em alguma medida, com formas e temas vinculados à questão da nacionalidade. O carácter nacional desse sistema parece ser, para Antonio Candido, um desdobramento natural do estabelecimento de produtores e receptores letrados mais ou menos organizados [...] (Moraes, 2023, p. 265-266)

Nestes termos, embora se trate de uma reflexão sobre a formação da literatura brasileira, pode-se ampliar o olhar para outros sistemas literários nacionais, como o angolano. No contexto de Angola, a literatura ocupou um papel central na construção da nacionalidade e na consolidação do Estado independente, tanto é que a própria União dos Escritores Angolanos (UEA) foi fundada em dezembro de 1975, menos de um mês após a proclamação da independência de Angola, que aconteceu em 11 de novembro de 1975. Em entrevista à *Lavra*

& *Oficina*, o escritor Luandino Vieira diz mesmo que: “A nossa fonte considera a UEA uma referência da fundação do País soberano” (Vieira, 2020, p. 6), evidenciando a relação entre a literatura e a formação da nacionalidade. Além disso, a produção literária angolana esteve profundamente ligada às lutas anticoloniais, sendo, frequentemente, concebida como um instrumento de afirmação identitária e resistência política; prova disso é o fato de o próprio Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola, ter sido um grande combatente e poeta.

É nesse sentido que se torna pertinente recorrer às reflexões de Luís Kandjimbo acerca da disciplinarização da Literatura Angolana e dos processos que acabam por envolver a sua consolidação no campo de ensino e da produção crítica. Kandjimbo, em seu texto “A disciplinarização da literatura angolana: história, cânones, discursos legitimadores e estatuto disciplinar”, propõe uma reflexão sistemática acerca das condições históricas que vêm atravessando a consolidação da Literatura Angolana enquanto objeto de pesquisa e ensino. O autor ressalta a importância de analisar a Literatura Angolana a partir de uma história disciplinar, ou seja, investigando as condições de sua institucionalização no espaço escolar e universitário.

Para Kandjimbo, a constituição da literatura enquanto disciplina está diretamente ligada à independência e à consolidação do Estado angolano, sendo, então, “filha da independência” (Kandjimbo, 2015, p. 50). Ao discutir sobre o aspecto epistemológico, o pesquisador ressalta: “[...] a Literatura Angolana submete-se ao teste de legitimidade através de metadiscursos produzidos por autoridades epistêmicas e membros de diversas comunidades interpretativas.” (Ibid., p. 82). Tal afirmação evidencia que a legitimação da literatura não se dá apenas pela publicação de obras, mas também pelos discursos de críticos acadêmicos, chamados de “autoridades epistêmicas”, que as interpretam e avaliam. Esse pensamento levanta uma questão importante para a discussão desta pesquisa, pois, se são essas “autoridades epistêmicas” que atuam na legitimação da Literatura Angolana, então, é necessário questionar em que medida a recorrente afirmação sobre a ausência de crítica literária em Angola é, de fato, verdadeira ou, ainda, compreender o que está sendo chamado de crítica literária. Ora, não seriam essas mesmas autoridades responsáveis pela circulação da crítica sobre as obras de autores angolanos?! Se Literatura Angolana depende da atuação dessas “autoridades epistêmicas”, em seus processos de legitimação, então, pressupõe-se a existência de uma atividade crítica em circulação, não sendo possível, tendo o próprio posicionamento de Kandjimbo em vista, afirmar que não há uma crítica literária em Angola. Assim, a questão talvez não seja a existência ou a ausência de uma crítica literária, mas sim como e por quais modos ela circula e é reconhecida por muitos autores.

O difícil acesso aos periódicos angolanos, bem como às monografias e dissertações produzidas no país, impõe certas limitações aos estudos sobre a crítica literária em Angola; todavia, os materiais aqui reunidos permitem observar, ou até mesmo chegar mais próximo, da crítica literária endógena em Angola. Embora o recorte feito não seja suficiente para abranger toda a dimensão da circulação crítica, ele se constitui como um ponto de partida para refletir sobre a presença (ou não) de uma crítica “audaz e regular” no cenário angolano. Tendo em vista essas questões, o *corpus* desta pesquisa é constituído por dois volumes da *Gazeta Lavra & Oficina*, os dois únicos a que tivemos acesso: Edição Nº 001 de novembro/dezembro de 2020, número especial em comemoração aos 45 anos da União dos Escritores Angolanos (UEA) e em um volume de retomada após duas décadas desde o seu encerramento; e a Edição Nº 004 de maio/junho de 2021, já com as atividades desenvolvidas e com o anúncio de que o veículo passaria a ser trimestral; integram, também, os dois únicos volumes da *Mayombe – revista angolana de crítica literária*: a Edição nº 001 de maio/setembro de 2021 e a Edição nº 002 de abril/setembro de 2022, que já assume, explicitamente, a crítica literária como campo de atuação; e, por fim, a edição do periódico “Cultura”, do *Jornal Angolano de Artes e Letras*, nº 290, de 4 de dezembro de 2024 por ter sido um dos únicos volumes a que tive acesso e, também, por conter uma entrevista do autor Fragata de Moraes afirmando que suas obras são mais estudadas fora de Angola do que dentro.

CAPÍTULO 1 – ALGUNS POUCOS ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA EM ANGOLA

Mas, afinal de contas, de que crítica literária se fala quando os autores angolanos afirmam que não há uma em Angola? Quais critérios são considerados nas análises críticas? É a partir desses questionamentos que se inicia este capítulo, direcionando o olhar para o *corpus* desta pesquisa. Nos periódicos analisados, muitas são as afirmações sobre a ausência da crítica literária, sobretudo, em entrevistas. Entretanto, as próprias publicações que veiculam esses discursos abrem espaço para ensaios, resenhas, prefácios, reflexões e entrevistas que mobilizam conceitos, formulam juízo de valor para determinadas obras e as interpretam. Surgiria, então, uma terceira questão: se não há uma crítica literária em Angola, que práticas são essas que ocupam as páginas dos periódicos presentes nesta pesquisa e que circulam ou circularam, em grande medida, contribuindo para a formação do sistema literário angolano?

1.1 *Lavra & Oficina* Nº 001 – 2020

A fim de visualizar os autores objeto da crítica, as obras em apreciação, o formato (ensaio, resenha, entrevista, etc.) e os críticos que fazem a crítica literária, ao longo deste capítulo, apresentam-se cinco quadros elaborados a partir dos próprios periódicos analisados. Começando com *Lavra & Oficina* Nº 001 – 2020, no Quadro 1, logo abaixo, é possível perceber a predominância de entrevistas, o que influenciou bastante a discussão sobre a crítica literária no volume.

Quadro 1 - *Lavra & Oficina* Nº 001 - 2020

Autor(a)	Obra ²	Formato	Crítico
-	-	Apresentação da edição	David Capelenguela
-	-	Nota ao leitor	Gociante Patissa
Luandino Vieira	-	Entrevista	João Maria e Gociante Patissa
Boaventura Cardoso	-	Entrevista	João Maria
Mário Luís Pereira	-	Entrevista	Gociante Patissa
Maria Eugénia Neto	-	Entrevista	João Maria

² A criação das tabelas tem por objetivo identificar quais autores, obras, formatos (resenhas, ensaios, etc.) e críticos compõem cada periódico analisado na pesquisa; entretanto, nesta edição da *Lavra & Oficina*, houve a ausência dessas obras ou, melhor, de críticos que as analisassem. Embora, ao longo das entrevistas, vez ou outra, algum autor comentasse sobre algum livro, não pareceu pertinente incluí-lo na tabela, pois não era um livro sendo analisado.

Arnaldo Santos	-	Destaque – Conversa (entrevista)	Luís Kandjimbo
- ³	-	Ensaio	Lopito Feijóo
António Jacinto e Viriato da Cruz	“Quero cantar e cantarei”, de António Jacinto, e “Na encruzilhada, de Viriato da Cruz	Ensaio	Zetho Cunha Gonçalves
Roderick Nehone	-	Entrevista	João Maria
Job Sipitali	-	Entrevista	Gociante Patissa

Numa esperançosa busca pelo partilhamento da literatura angolana, a revista *Gazeta Lavra & Oficina* retomou as suas atividades, em 2020, depois de duas décadas, em meio a um cenário conturbado por duas situações nada favoráveis, a saber: a própria falta de recursos e a pandemia da Covid-19. Diferentemente dos outros periódicos e volumes, a Edição Nº 001 de novembro/dezembro de 2020 da *Lavra & Oficina* é um número especial, por ser a comemoração dos 45 anos da UEA e a retomada após duas décadas do encerramento de suas atividades, ao final do milênio, em 1999. Tendo em vista esse caráter comemorativo e memorialístico, grande parte da produção da revista é composta por entrevistas, ⁷⁴ no total, com grandes nomes da literatura angolana, tais como Luandino Vieira, Boaventura Cardoso, Maria Eugénia Neto, etc., nas quais os entrevistados recordam os momentos iniciais da UEA e o papel que ela desempenhou no cenário angolano, após a independência do país. Além disso, eles trazem algumas reflexões críticas acerca do cenário atual da própria UEA, pelo menos até a data do *corpus* analisado, e sobre como a literatura foi perdendo espaço ao longo dos anos, em Angola.

Além das entrevistas, o periódico abre espaço para a publicação de contos, crônicas e poemas, contribuindo para a produção literária e para a circulação de autores mais jovens. É o caso das crônicas de Amélia Dalomba, Soberano Kanyanga e Gociante Patissa (editor-chefe da revista); dos textos poéticos de Paula Russa, Pombal Maria, Cláudia Cassoma; e do conto de David Calivala. A revista conta, ainda, com uma seção intitulada “Quatro poetas em memória”, em homenagem a escritores já falecidos, como António Gonçalves (1960-2020), António Panguila (1963-2018), Frederico Ningi (1959-2018) e Jimmy Rufino (1962-2020).

³ O ensaio “Com tensões verbais - subsídios de memória”, de Lopito Feijóo, é um relato autobiográfico, em que ele narra o próprio percurso formativo, desde o seu contato com a poesia, ainda no Liceu, por recomendação de um professor, até a sua formação intelectual e literária no período pós-independência de Angola. Dessa forma, não foi possível preencher as seções “Autor(a)” e “Obra” da tabela.

⁴ São 6 entrevistas distinguidas no sumário, mas, com o destaque para a seção “Há 21 anos na TPA estreava o programa ‘Leituras’ Luís Kandjimbo conversa com Arnaldo Santos”, contam-se 7 entrevistas.

Embora a situação da UEA não fosse nada favorável para o retorno da *Lavra & Oficina*, tanto pelo cenário pandêmico quanto pelo financeiro, já mencionados, é válido retomar uma palavra de esperança ou, melhor, uma “Palavra de circunstância” do secretário-geral David Capelenguela, que, ao observar a retomada desse periódico em um contexto marcado por limitações institucionais e logísticas, afirma:

Volvido esse tempo de paralisação, embora a actual realidade financeira da UEA não seja boa, a Gazeta Lavra & Oficina, nesta sua III série, ressurgue no panorama intelectual com o seu tradicional papel de voz da confraria dos escribas, privilegiando como sempre o diálogo intercultural, a pesquisa, a promoção da leitura e a visibilidade do pensar e fazer dos obreiros da palavra literária (Capelenguela, 2020, p. 3).

É nesse contexto de diversas dificuldades que se pode pensar em quais são as estratégias adotadas para que a crítica angolana consiga circular dentro do próprio país, constituindo, assim, espaços de circulação crítica e legitimação da literatura angolana, mesmo com as limitações, inclusive do ponto de vista financeiro. Nesse sentido, chama a atenção o “diálogo crítico”, proposto por Capelenguela, pois evidencia a importância do periódico na consolidação do sistema literário angolano, já que a revista atua como um espaço de circulação de escritores, obras e discussões sobre a literatura angolana. De acordo com o secretário-geral: “[...] o ressurgimento da Gazeta, inicialmente como edição especial de comemoração dos 45 anos da existência da nossa Associação, vem em primeira instância reanimar o diálogo crítico, na busca de uma produção literária mais robusta no seio dos nossos associados e não só.” (Ibid., p. 3). Entretanto, neste volume, percebe-se a ausência do exercício crítico, pois os textos que o compõem revelam preocupações com a circulação dos livros, a memória, o surgimento da própria UEA e os rumos da literatura nacional, sendo pouca ou ausente a atuação analítica e a leitura de obras de autores angolanos de caráter crítico. Digo isso, porque o ensaio “2 poemas quase desconhecidos de Jacinto e Viriato”, escrito por Zetho Cunha Gonçalves, é o que mais se aproximaria do exercício crítico, uma vez que ele assume esse lugar de crítico literário e faz uma breve leitura dos poemas “Quero cantar e cantarei”, de António Jacinto (Luanda, 1924 – Lisboa, 1991), e “Na encruzilhada”, de Viriato da Cruz (Porto Amboim, Angola, 1928 – Pequim, China, 1973). Ao trazer uma contextualização histórica, ele afirma: “Os dois poemas [...] foram primeiramente dados a público em 1952 e 1953, na revista *Sul*, de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, no Brasil” (Cunha, 2020, p. 22). O crítico recorre à circulação dos movimentos literários angolanos e, em seguida, chama a atenção para o fato de esses poemas não terem sido publicados nas edições da Casa dos Estudantes do Império (CEI), em 1961 (2020). Na leitura dos textos poéticos, Cunha afirma que “Quero cantar e cantarei”, por

exemplo, dedicado ao poeta português Miguel Torga, “por certo mais por uma razão política que poética, [...] é um poema que está longe de poder ser considerado um dos icônicos poemas de Jacinto” (Cunha, 2020, p. 22). Sobre o outro poema, a avaliação é bem diferente:

“Na Encruzilhada”, [...] é um dos seus maiores poemas, um poema onde a consciência da respiração da língua como acto primevo da criação poética, os seus longos fôlegos e suas suspensões, as suas cambiantes de ritmo e de voz, o tornam um dos mais belos e instigantes poemas da poesia angolana (Cunha, 2020, p. 22).

Na entrevista intitulada “Memórias UEA 45 anos com Luandino Vieira - Distribuíamos livros como ração de combate”, conduzida por João Maria e Gociante Patissa, com o escritor Luandino Vieira, primeiro secretário-geral da UEA, retomam-se memórias relacionadas à criação da instituição e ao papel que ela desempenhou nos primeiros anos de independência. Ao recordar esses momentos, Vieira destaca que a circulação dessas obras angolanas era tão vigorosa que todo FAPLA⁵, por exemplo, recebia um exemplar. Nas palavras do autor: “Do jeito que se distribuía a ração de combate, também se distribuía o exemplar dos livros. Você poderia encontrar um soldado com uma AKM às costas encostado ao tronco de uma árvore a ler um livro” (Vieira, 2020, p. 8). Ao recuperar a origem do nome *Gazeta Lavra & Oficina*, o entrevistado diz que o nome não surgiu na UEA, mas sim no *Jornal de Angola*, conduzido pelos autores Carlos Everdosa, David Mestre e Ruy Duarte de Carvalho; acontece que, após algumas “discussões”, conseguiram que o nome fosse utilizado pela UEA (2020).

Entre os diferentes depoimentos, embora já tenha sido citada anteriormente, chamo atenção, novamente, à entrevista de nome “Faz-nos muita falta a crítica literária”, feita por João Maria com o autor Boaventura Cardoso, cujo próprio título reforça essa ideia de não haver uma crítica literária em Angola, o que soa irônico, pois não seria esse o papel da *Lavra & Oficina*, o de ser um espaço de crítica literária? E mesmo que o autor mencione que ela deva ser constituída em instituição, as monografias e dissertações produzidas pelas universidades angolanas não assumiram esse papel? Mesmo que essas produções não entrem em repositórios *on-line*. Essa questão, no entanto, é muito mais abrangente do que caberia discutir em uma pesquisa como esta, pois tomaria outro rumo e seria preciso abordar os possíveis caminhos para a consolidação da crítica institucionalizada, fugindo do objetivo da pesquisa.

Ao final desta análise, chamo a atenção para a entrevista “A literatura angolana não se esgota numa ousada descrição”, mediada por João Maria, com Roderick Nehone, na qual o entrevistado faz uma menção muito pertinente ao papel da crítica literária. Ao ser questionado sobre a qualidade das obras e a recepção dos leitores, ele ressalta: “Cabe aos leitores e à crítica

⁵ Militar das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola.

literária fazerem juízo, sempre questionável, sobre a qualidade do que nos é dado a ler.” (Nehone, 2020, p. 27). A resposta de Nehone é interessante, pois reforça a ideia de que a crítica é uma instância que atribui valor às obras, o que sugere que ela contribui para a legitimação da literatura angolana.

Como dito anteriormente, apesar da retomada da *Lavra & Oficina* ser muito importante para o impulsionamento da literatura no cenário angolano e para a consolidação do sistema literário, e embora Boaventura Cardoso e Roderick Nehone enfatizem a importância da crítica literária, percebe-se que, neste volume, ela fica apenas como um tema de discussão, em vez de uma prática efetivamente desenvolvida, com critérios e conceitos estabelecidos.

1.2 *Lavra & Oficina* Nº 004 – 2021

Diferentemente da edição especial de 2020, marcada sobretudo por entrevistas, a edição de maio/junho de 2021 da *Gazeta Lavra & Oficina* nº 004 apresenta uma presença mais significativa de textos voltados à reflexão crítica sobre obras literárias de autores como Uanhenga Xitu, Manuel Rui, Lopito Feijóo, etc., escritos por críticos literários que se debruçam sobre as obras desses autores angolanos, mas não apenas. É curioso que ora alguns autores apareçam como críticos, ora como autores que têm suas obras sendo analisadas, como Lopito Feijóo, que tem sua obra *Imprescindível doutrina contra* (um poema, mais especificamente) lida pelo crítico João Fernando André, mas também aparece comentando a obra *As gargalhadas de Mestre Juju*, da são-tomense Goretti Pina. Além do mais, o fato de uma autora são-tomense aparecer em um periódico angolano mostra que a *Lavra & Oficina* não se limita à circulação da literatura angolana.

Na nota ao leitor, “Agora é trimestral”, o editor Gociante Patissa recorre a um conto em que aparece o personagem Kandumbu para fazer uma alusão à situação enfrentada pela UEA. Segundo Patissa, a história se passa no interior rural de Benguela, em “tempos de seca, de carência e de pirão” (Patissa, 2021, p. 3). Durante a narrativa, explica o editor, Kandumbu se depara com uma família com muita comida e enfrenta o dilema: pedir comida ou não. Ao decidir, ele é bem recebido e, numa atitude de humildade, acaba pedindo “os testículos do boi” (Ibid., p. 3). O menino, ao ver o seu pedido atendido, percebe que, se tivesse escolhido outra parte do boi, como um pedaço do coração ou até mesmo um bife, teria conseguido, mas faltou-lhe audácia para tal ato. É nesse sentido que Patissa faz um paralelo com a situação da UEA, ressaltando que, mesmo com dificuldades monetárias para a impressão dos materiais ou para o recrutamento de uma equipe editorial, muito diferente de Kandumbu, “teve a audácia de

retomar a Gazeta, duas décadas após a hibernação do seu veículo convencional de literatura, artes e ideias” (Ibid., p. 3). O editor informa, ainda, mudanças na periodicidade da revista, anunciando que, a partir do próximo volume, ela passaria a ser trimestral.

No Quadro 2, a seguir, que terei como foco a partir de agora, percebe-se uma mudança significativa na produção crítica em relação ao volume anteriormente analisado.

Quadro 2 - *Lavra & Oficina* Nº 002 - 2021

Autor(a)	Obra	Formato	Crítico
Amélia Dalomba	<i>In Antologia</i> (2017)	Artigo	David Capelenguela
João Tala	-	Entrevista	Gociante Patissa
Luís Kandjimbo	-	Entrevista	João Maria
Sara Fialho e Marta Santos	“Amanhecer com... saudades de Luanda”, crônica de Sara Fialho (2016); e “Chico Zé – Negro feio, bruto, mas valente”, conto de Marta Santos (2011)	Artigo	Itamar Cossi
-	-	Artigo	Michel Kanianga
Goretti Pina	<i>As gargalhadas de Mestre Juju</i>	Artigo	Lopito Feijóo
Uanhenga Xitu, Luandino Vieira e Pepetela	<i>O ministro</i> , de Uanhenga Xitu, <i>A vida verdadeira de Domingos Xavier</i> , de Luandino Vieira, e <i>Mayombe</i> , de Pepetela	Artigo	Manuel Muanza
Costa Andrade e Lopito Feijóo	<i>Poesia com armas</i> , de Costa Andrade; e <i>Imprescindível doutrina contra</i> , de Lopito Feijóo	Artigo	João Fernando André
João Rosa Santos	<i>Sexta festa – crônicas ao acaso</i>	Prefácio	Luís Fernando

Amélia Dalomba	-	Entrevista	Luís Kandjimbo
Marquita 50	<i>As simetrias de mulher</i>	Comunicação	Edmira Cariango Manuel
Manuel Rui	<i>Regresso adiado</i>	Artigo	Job Sipitali

No texto “Íntima fracção: o tacto, o gesto e o acto metafórico na poesia de Amélia Dalomba”, escrito por David Capelenguela, acerca da poesia de Amélia Dalomba, o crítico recorre ao filósofo alemão G. W. F. Hegel, encontrando pressupostos da estética hegeliana na poesia da autora, pressupostos segundo os quais a poesia lírica volta-se à realidade exterior sem abandonar a sua dimensão íntima. Nesse entendimento, David Capelenguela afirma: “Valendo-se da versatilidade da alma que a faz mulher audaz e da retórica que a traduz poeta de viva voz, Amélia Dalomba propõe em sua poesia o falar das coisas como modo de falar de si”. (Capelenguela, 2021, p. 5). Tal afirmação dialoga diretamente com o pensamento de Hegel, já que “O filósofo reconhece que o poeta lírico se pode voltar para a realidade exterior” (Ibid., p. 5). Segundo Capelenguela, no entendimento de Hegel, que cita textualmente, o poeta “atrai o real para a esfera dos sentimentos, transforma-o num objecto da sua experiência interna, e só depois de o ter interiorizado o exprime” (Hegel *apud* Capelenguela, 2021, p. 5). Assim, o crítico entende que, na poesia de Dalomba, há um espaço em que o mundo exterior é constantemente atravessado pela experiência subjetiva.

Na entrevista intitulada “Que prémios literários e a que níveis temos?”, concedida pelo poeta João Tala, laureado com o Prémio Literário Guerra Junqueiro Lusofonia, e conduzida por Gociante Patissa, o autor utiliza o seu reconhecimento para refletir sobre a situação dos prémios em Angola e questionar o nível das premiações. O poeta diz: “Olhemos a nossa casa, o nosso país: que prémios literários e a que níveis temos? Como andam os critérios de atribuição daqueles prémios que ainda vão mexendo em uma ou outra instituição?” (Tala, 2021, p. 7). Pode-se perceber que há, então, necessidade de maiores investimentos e de critérios mais rigorosos nas premiações angolanas. O autor, na mesma entrevista, afirma o seguinte: “Prémios literários são na verdade acontecimentos solenes dentro da vasta movimentação literária” (Ibid., p. 7), podendo entender-se que os prémios são mecanismos de valorização e legitimação de obras literárias, não restringindo-se apenas aos escritores.

Já na entrevista “Na angolanidade literária subjaz uma angolanidade”, concebida pelo magnífico Luís Kandjimbo e mediada por João Maria, é possível notar uma definição do texto literário e, de modo geral, um breve panorama histórico da literatura angolana e os aspectos por meio dos quais ela pode ser analisada. Segundo Kandjimbo (2021), a literatura angolana pode ser separada em três vertentes: a da literatura oral, a dos textos escritos em línguas nacionais e

a daqueles escritos em língua portuguesa. Ao longo da entrevista, ao percorrer a historiografia da literatura angolana na segunda metade do século XX, ele identifica cinco gerações: as quatro primeiras no contexto colonial e a última já no período pós-independência. Chamo, no entanto, a atenção para o conceito de “angolanidade”, tendo em vista que, no exercício crítico de muitas obras, essa ideia é abordada. Para Kandjimbo, a angolanidade se mostra com um “pressuposto que comporta uma experiência, um sistema de referências, uma memória colectiva, um sentido de passado ou história, sobre o qual assenta a estratégia dos escritores” (Kandjimbo, 2021, p. 9). Assim, a literatura angolana não se restringe apenas aos critérios textuais, mas também a todo um conjunto de fatores históricos e simbólicos presentes no texto literário. Esse conceito de “angolanidade” mostra-se pertinente, sobretudo em razão das abordagens que muitos críticos realizaram no *corpus* analisado. Enfim, embora a entrevista não constitua um texto crítico voltado à análise de uma obra, ela traz uma nova perspectiva: a de utilizar o conceito nas análises literárias.

No artigo do linguista Itamar Cossi, intitulado “Mito, arquivo e descolonialidade em narrativas angolanas contemporâneas”, o autor analisa como o “mito”, o “arquivo” e a “descolonialidade”, na crônica “Amanhecer com... saudades de Luanda”, de Sara Fialho (2016), e no conto “Chico Zé – Negro feio, bruto, mas valente”, de Marta Santos (2011), são utilizados para relatar as guerras coloniais e pós-coloniais a partir de “vivências e pertencimentos”, como afirma Cossi. O crítico ressalta:

Mito, arquivo e descolonialidade foram introduzidos à literatura angolana contemporânea, por meio de narrativas que abordam a sabedoria popular, fator que vai além de ser simples depósito de relatos, mas que marca as ações de cada indivíduo angolano, como vive e como se desenvolve em um espaço/tempo. (Cossi, 2021, p. 16)

A partir dessa perspectiva, Cossi procura demonstrar como as duas narrativas buscam mobilizar elementos da memória coletiva, na qual mito e arquivo atuam como formas de resistência aos discursos coloniais. Dessa forma, ao analisar os textos de Fialho e Santos, Cossi argumenta que as autoras apresentam um olhar de sujeitos que viveram próximos ou herdaram os impactos da colonização e dos conflitos que marcaram a história de Angola.

A discussão sobre a existência ou não de uma crítica literária em Angola parece atingir todas as esferas do sistema literário. Parece até ser um comentário muito comum entre alguns autores, intelectuais e agentes culturais, o que é, novamente, irônico, porque tais constatações surgem em periódicos voltados justamente à circulação da literatura e da crítica literária. É por esse caminho que destaco o texto “A produção do livro em Angola: dificuldade e estratégia”, de Michel Kanianga, que, ao discutir o “mercado livreiro em Angola”, como ele bem pontua,

aponta como ausência a falta de “críticos literários assumidos e empenhados” (Kanianga, 2021, p. 19), reforçando a ideia de que a crítica em Angola não existe.

Como mencionado anteriormente, o volume em questão da *Lavra & Oficina* não se limita apenas a análises e leituras de obras literárias de autores angolanos. Apesar de a literatura nacional ocupar um lugar central, há espaço para outros autores africanos de língua portuguesa, como a são-tomense Goretti Pina. No texto “Goretti Pina & As gargalhadas de Mestre Juju”, escrito por Lopito Feijóo, o autor faz uma leitura da obra poética *As gargalhadas de Mestre Juju*, de Goretti Pina, destacando diversos aspectos da autora e do livro. O crítico ressalta que, na obra em análise da são-tomense, ela surge “Muito mais afinada e refinada, evidenciando o seu persistente trabalho oficial em torno da palavra poética” (Feijóo, 2021, p. 21). Em um texto tecido de muitos elogios ao fazer poético da autora, Feijóo (2021) destaca um amadurecimento na trajetória literária de Goretti, apresentando uma estrutura mais consistente em seu projeto poético e estético, em comparação com suas obras anteriores. Na leitura da obra, o crítico enfatiza:

A autora, reafirmando a sua veia lírica, ou simplesmente lirista, vai ao fundo das motivações populares, tratando e retratando acontecimentos e situações próprias de um contexto histórico e informal obrigando-nos a reflectir sobre a santomensidade e também sobre a realidade social que a viu nascer, crescer e não só. (Ibid., 2021, p. 21)

Chama a atenção essa leitura de Feijóo, porque um procedimento da crítica literária discutido anteriormente consiste em avaliar a obra a partir do universo a que ela se refere. Ao enfatizar a representação da “santomensidade” e da “realidade social” do país na obra de Goretti, o crítico privilegia o que Abrams chama de “universo” da obra, constituído por um conjunto de referências e acontecimentos históricos e culturais que serve de base para a crítica.

Por sua vez, Manuel Muanza, em seu texto “Liberdade e mimese nas belas artes”, recorre a três obras literárias, sendo elas: *O ministro*, de Wahenga Xitu, *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de Luandino Vieira, e *Mayombe*, de Pepetela, para estabelecer uma relação entre ficção literária e a realidade histórica de Angola. O autor começa o seu texto utilizando de exemplo a obra *Mayombe* para dizer que os leitores da época⁶ em que o livro foi publicado tenderam a associar os personagens fictícios aos combatentes que lutaram pela libertação do país, e recorre a Umberto Eco para afirmar que, embora o leitor não possa especular sobre as intenções do autor, ou seja, “[...] o que aconteceria na cabeça [do autor]” (Eco *apud* Muanza, 2021, p. 23), os fatores externos, como o contexto social e a produção da obra, dão sustentação

⁶ Embora Manuel Muanza não especifique a época ou, ainda, o ano, é possível deduzir tratar-se da primeira edição publicada em Angola.

a associações como as que foram feitas. Complementarmente a essa discussão, Muanza recorre, sobretudo, à *República*, de Platão, à ideia de mimese para mostrar como “Associar lugares e seres de papel a factos e entes historicamente pré-existentes [...] releva da ideia da mimese” (Ibid., 2021, p. 23). Tal discussão é ampliada na exemplificação de outras obras, como em *O Ministro*, de Wanhenga Xitu, em que o autor retrata a falta de preparo e de dificuldade dos homens na gestão do país; e em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de Luandino Vieira, cuja narrativa evidencia a resistência anticolonial e a repressão exercida pela polícia portuguesa, que pressiona os nacionalistas a denunciarem seus companheiros de luta.

A poesia ocupa grande espaço nas análises feitas no periódico, aparecendo em leituras de autores mais antigos e contemporâneos, como no texto “Heroificações na literatura angolana: o caso dos poemas ‘Augusto Ngangula’, de Costa Andrade & ‘Toque filosofal’, de Lopito Feijóo” – encontrados nas obras *Poesia com armas*, de Costa Andrade, e *Imprescindível doutrina contra*, de Lopito Feijóo – escrito pelo professor e ensaísta João Fernando André. Já no início de sua leitura, André os classifica como “poemas contundentes” e propõe-se a analisá-los como poemas que atribuem a meninos angolanos a condição de herói. Para isso, ele recorre ao *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), para definir o que é “Heroificar”, e define como “engrandecer”, “glorificar” e “incluir alguém entre os heróis”; e classifica “Herói” como “um indivíduo notabilizado por feitos seus guerreiros, sua coragem, tenacidade, abnegação, magnanimidade” (André, 2021, p. 25). Na análise do poema “Augusto Ngangula”, André (2021) revela que o eu lírico expressa o seu sofrimento pela morte de Augusto Ngangula, um menino de 12 anos e pioneiro do MPLA⁷, assassinado em 1968 por um português por se recusar a fornecer informações. No entendimento do crítico, o poema busca evocar “elementos naturais” e o povo angolano para glorificar o menino, tornando-o um herói do povo. Já em “Toque filosofal”, o eu lírico “contundente”, como aponta André, resiste aos ataques do que o crítico diz ser “os verdugos”. O poeta aborda a morte de Rufino António, jovem que foi morto “por simplesmente ter reclamado a respeito da demolição da casa dos seus pais” (André, 2021, p. 26). Caminhando para o fim da leitura, o crítico ressalta que “ao cantar [...] uma *chama/ Seu espírito inflama. Proclama/ O porvir doutra gestão*, o sujeito poético heroifica o rapaz Rufino António” (Ibid., p. 26). Para fundamentar a sua leitura, André deixa evidentes os critérios que o orientaram durante a análise. Segundo ele, “a poesia tem que ter o condão de encerrar em si verdades sobre um mundo existente dentro do mundo, ela tem que ser fonte de mistérios” (Ibid., p. 26), o que nos faz perceber, mais uma vez, que a crítica literária

⁷ Movimento Popular de Libertação de Angola

tende a privilegiar o universo a que a obra se refere. Ao trazer o poeta francês Paul Éluard para o encerramento de seu texto, André reforça a concepção de que a literatura tem uma função social. Nas palavras de Éluard, “O poeta deve ser mais útil que qualquer outro cidadão da sua tribo, e a poesia não deve ser um objecto de arte mas um objecto utilitário.” (Ibid., p. 26).

O prefácio “Do (puro) ano do vírus! – prefácio às Crônicas de João Rosa Santos”, escrito por Luís Fernando, embora não tenha explicitado no corpo do texto o nome do livro prefaciado, parece referir-se ao livro *Sexta festa – crônicas ao acaso*, cuja imagem aparece reproduzida ao lado do texto na própria revista. Fernando ressalta, em seu prefácio, a relação entre literatura e o contexto histórico, destacando o valor documental das crônicas. O crítico diz:

Este livro, no contexto em que surgiu, com o mundo varrido de alto a baixo pela vaga impiedosa de um tsunami em forma de vírus, tem tudo para ser um documento da história que as gerações que substituirão a geração do tormento haverão de procurar com a avidez com que se vasculham as verdades incidentais do passado forte, como é, por exemplo, o espólio das I e II Guerras Mundiais. (Fernando, 2021, p. 27)

Para fazer uma leitura crítica da obra referida, de acordo com Fernando, seria necessário, então, recorrer ao universo ao qual a obra se refere, isto é, ao contexto histórico marcado pela pandemia da Covid-19. Caminhando para o final, ele apenas menciona várias crônicas que fazem parte da obra, sem realizar a devida leitura, bem como “Xé corona!”, “Covid, granda kibidi”, “Maiado”, “Trinta e Um”, “O Puto viralizou”, “Grande 31”, “Tio António”, “Esse mais é quem?”, “Nguami maka”, “Fique em casa”, “Tunda um njila” e “Mano Eyio”.

O texto “Há duas décadas, Amélia Dalomba conversou com Luís Kandjimbo que, entre 1999 e 2001, animou o programa ‘Leituras’ em horário nobre nos ecrans da TPA” é uma transcrição de uma conversa entre a poeta Amélia Dalomba e o crítico Luís Kandjimbo, no programa “Leituras”. Durante a conversa, Kandjimbo classifica Dalomba como pertencente “à geração dos poetas que se revelam no período pós-independência” (Kandjimbo, 2021, p. 29). Dois temas se destacam na conversa entre os dois: a condição feminina em variados espaços, sobretudo quando a autora afirma: “Sei bem que a mulher está sempre em minoria. Somos uma minoria, tal e qual são as minorias em qualquer parte do mundo, em qualquer actividade que se faça. Só não estamos na nossa nobre condição de mães” (Dalomba, 2021, p. 30); e a temática do erotismo, cuja discussão evidencia um tema “tipicamente poético”, marcado por uma visão masculina e ocidental, como aponta Kandjimbo. Todavia, a entrevistada ressalta uma nova visão, discutindo que “existe um olhar masculino sobre o erotismo feminino” assim como “existe um olhar feminino sobre o erotismo feminino, sobre uma batuta masculina” (Dalomba, 2021, p. 31).

Assim como na entrevista anterior, a comunicação “A presença do erotismo como forma de expressão no texto poético: incursão aos versos de ‘As simetrias de mulher’, de Marquita 50”, de Edmira Cariango Manuel, aborda o erotismo, aqui, tanto como tema quanto como recurso expressivo. A pesquisadora analisa a obra *As simetrias de mulher*, de Marquita 50, pseudônimo literário de Cíntia Eliane Gonçalves André, e a presença do erotismo em alguns poemas que a compõem. Segundo Manuel, a obra da autora “se configura como perseguidora da luz e alma fragmentada pelas curvas e cicatrizes do mundo em que está inserida” (Manuel, 2021, p. 36) e acrescenta ainda que “[...] uma das concepções favoráveis à compreensão dos versos [...] sobre a configuração do erotismo como forma de expressão no discurso poético dos poemas de “As Simetrias de Mulher” é a que está relacionada à exaltação ou manifestação da sexualidade implícita no discurso poético” (Manuel, 2021, p. 36). Caminhando para o fim, a crítica ressalta:

O erotismo como forma de expressão configura-se como um recurso expressivo de adorno à linguagem com fim de oferecer mais expressividade, desencadear um efeito catártico elevado no acto de leitura, enaltecendo, por assim dizer, a sensualidade e o corpo, mais frequentemente o da mulher, exposição das partes, dos actos e movimentos correlacionados. (Manuel, 2021, p. 36)

Encerrando o volume 4 da *Gazeta Lavra & Oficina*, o linguista Job Sipitali recorre à obra *Regresso adiado*, mais especificamente ao conto “Mulato de sangue azul”, do autor Manuel Rui Monteiro. Assim como outros críticos, Sipitali elenca alguns dos temas mais recorrentes na literatura angolana, entre os quais “a exploração do homem pelo homem, a escravatura, o problema de identidade, do racismo, da negritude” (Sipitali, 2021, p. 40). Do ponto de vista sociológico, como aponta Sipitali

“[...] o ficcionista centraliza o tema do conto na luta pela afirmação da linhagem familiar oriunda de Portugal, que se instalou na cidade de S. Filipe de Benguela. Diante da tal efectivação libertária, Luís Alvim, um mulato totalmente abastado, vê que pertencer à linhagem da sua mãe negra seria um abismo incontornável.” (Ibid., 2021, p. 40)

É por esse caminho de leitura e análise da obra que, ao final de seu texto, ele retoma outros escritores que abordaram de tal forma esse assunto, como Luandino Vieira, Mena Abranches, etc. Para encerrar, ele cita Roland Barthes: “a escrita é um acto de solidariedade histórica” (Barthes *apud* Sipitali, 2021, p. 41).

Ao final da análise, é possível perceber que a edição de maio/junho de 2021 da *Gazeta Lavra & Oficina* nº 004 tem um carácter mais consistente na leitura e análise de obras literárias. Ao longo do volume, notam-se diferentes abordagens críticas, mobilizando desde referenciais

filosóficos e teóricos até análises voltadas para temas como memória e erotismo. Ainda que em sua composição mantenha dois aspectos do volume anterior, como as entrevistas e textos literários, como “Fuga impossível”, de Isaquiel Cori, e “Só lene ou a personificação da espera”, de Pedro Kamorroto, o conjunto de textos presentes no periódico permite afirmar que a *Gazeta Lavra & Oficina* se consolida como um espaço de circulação da crítica literária em Angola.

1.3 *Mayombe* 1ª edição – 2021

Diferentemente dos outros dois volumes analisados anteriormente, em que a crítica literária aparece ao lado de outros gêneros textuais e de notícias sobre o cenário literário angolano, a *Mayombe – revista angolana de crítica literária* – é assumidamente o “lugar da palavra crítica”, cujo objetivo central é a apreciação crítica de obras de autores angolanos, mas não apenas. Em sua primeira edição, de maio e setembro de 2021, a revista contou com 17 ensaios críticos, adotando diferentes conceitos teóricos para as abordagens e análises críticas. Esse caráter crítico fica evidente já na capa da revista, em que o editor destaca um trecho do ensaio de António César Cambanda sobre a obra *Doutrinárias Lâminas Doutrinárias*, de Lopito Feijóo, no qual o crítico afirma haver “Falas, farfalhas e falhas” na obra do autor. No Quadro 3, logo abaixo, é possível notar a presença significativa de obras de autores angolanos, criticadas e analisadas por críticos literários, mas isso não significa que a revista seja exclusiva ou se restrinja a obras de autores nacionais, já que entre os ensaios analisados, encontram-se o de Pedro Mayamona, dedicado à análise da obra *O álibi perfeito*, da norte-americana Patrícia Highsmith; e o de João Ngola Trindade, dedicado à leitura de duas teses de doutorado de dois brasileiros, quais sejam: Cássio Santos Melo e Raquel Silva. Enfim, mesmo que sejam ocorrências pontuais, isso mostra que a revista abre espaço para a circulação crítica de obras estrangeiras, assim como o volume anteriormente analisado, no qual o crítico Lopito Feijóo analisou a obra da são-tomense Goretti Pina.

Quadro 3 - *Mayombe* 1ª edição - 2021

Autor(a)	Obra	Formato	Crítico
Lopito Feijóo	<i>Doutrinárias Lâminas Doutrinárias</i>	Artigo	António César Cambanda
-	- ⁸	Artigo	Hamilton Venokanya

⁸ Ao longo do texto, mesmo que não esteja abordando obras específicas, Hamilton Venokanya comenta alguns títulos, como *Tradução Literária: Análise contrastiva das traduções de Coração Telúrico*, de Lopito Feijóo (Inglês/Francês); *Porta Metal*, de Akiz Neto; *O livro dos ancestrais*, de António Gonçalves; *Emoções*, de Adriano Botelho de Vasconcelos; *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela.

Ema Nzandi	<i>Pintura dos ecos</i>	Artigo	Destino Ventura
Ondjaki	<i>Os transparentes</i>	Resenha	Luisa Frestas
Wanhenga Xitu	<i>Bola com feitiço</i>	Artigo	Marques Nganga
Marquita 50	<i>As simetrias de mulher</i>	Artigo	Edmira Cariango Manuel
Paula Tavares e Florbela Espanca	<i>Ritos de passagem</i> , de Ana Paula Tavares, publicado em 1985, e <i>Charneca em flor</i> , de Florbela Espanca, edição de 1931	Artigo	Fernando Dyakafunda
Agostinho Neto	<i>Sagrada esperança</i>	Artigo	Waxyakulo Francisco
Luísa Frestas	<i>Março entre meridianos</i>	Resenha	Domingas Monte
José Mena Abrantes	<i>Kimpa Vita, a profetisa ardente</i>	Ensaio	João Fernando André
Maria Manuela Rocha	<i>África em mim</i>	Artigo	David Calivala
Patrícia Highsmith	<i>O álibi perfeito</i>	Resenha	Pedro Mayamona
Arlindo Barbeitos	<i>Angola angolê angolema</i>	Artigo	Job Sipitali
Castro Soromenho, Cássio Santos Melo e Raquel Silva. ⁹	<i>A lunda de Castro Soromenho: alegorias de um império ido (1930-1968)</i> , de Cássio Santos Melo, e <i>Figurações da Lunda: experiência histórica e formas literária</i> , de Raquel Silva	Artigo	João Ngola Trindade
Jacques Arlindo dos Santos e Luís Kandjimbo	¹⁰	Artigo	Agostinho João
João Tala	<i>Além da noite</i>	Resenha	Ernesto Daniel
Adriano Mixinge	<i>O ocaso dos pirilampos: o romance de confissão</i>	Resenha	Hélder Simbad

Numa ausência de espaços críticos no cenário literário angolano, na nota editorial, escrita por Agostinho João, ele justifica o surgimento da revista *Mayombe* pela escassez de espaços dedicados à crítica literária em Angola. De acordo com o editor, a “MAYOMBE é o ressurgimento (para não dizer ressurreição) do exercício crítico dentro da esfera literária angolana, morto há décadas com o desvanecimento de um grupo restrito de críticos literários criados pela Geração de 80” (João, 2021, p. 5). Não por acaso ele define a revista como “a

⁹ Muito diferente das outras abordagens, João Ngola Trindade, em seu ensaio, analisa duas teses de doutorado de dois brasileiros: Cássio Santos Melo e Raquel Silva. Como a coluna “Autor(a)” é destinada aos autores a quem os críticos se referem, mantive os nomes do crítico e do autor.

¹⁰ Embora sejam citadas as obras de ambos os autores, o texto discorre apenas sobre uma entrevista e uma crônica de Jacques Arlindo, e sobre dois textos de Luís Kandjimbo.

vanguarda da Crítica Literária em Angola” (João, 2021, p. 5). Ainda na nota editorial, temos, ao que parece, uma tentativa de delimitar o próprio papel da crítica literária, cujo objetivo é, segundo o editor, nada menos do que “analisar, interpretar de forma racional os materiais literários” (Ibid., 2021, p. 6-7), evidenciando uma concepção segundo a qual a crítica tem uma função interpretativa e valorativa, como visto na introdução. Por fim, vale ressaltar que João reforça que não há uma forma ou um modelo específico (como ele diz) para as análises realizadas. Nas palavras do editor: “Não há aqui um único modelo de Crítica Literária. Há o que se pode chamar de crítica dialéctica, crítica historicista, crítica impressionista, crítica dogmática e crítica exegetica.” (Ibid., 2021, p. 7). A partir dessa concepção, iniciamos as leituras dos textos críticos.

No texto “Falas, farfalhas e falhas em “Doutrinárias Lâminas Doutrinárias” de J.A.S. Lopito Feijó K.”, António César Cambanda inicia sua leitura situando Lopito Feijó “[...] na qualidade de um grande agricultor das letras na Literatura Angolana ou na Literatura Africana e na Literatura Universal” (Cambanda, 2021, p. 9), destacando a singularidade de seus trabalhos. Em seguida, ao analisar a obra referida no título, afirma que “[...] Lopito Feijó motiva-nos ao labor de um exercício crítico” (Cambanda, 2021, p. 10), indicando que a própria obra convoca uma leitura interpretativa e valorativa. Ao longo do ensaio, Cambanda fundamenta a sua análise, sobretudo, recorrendo à obra e ao universo a que ela se refere. Nas palavras do crítico, “Trata-se de uma obra poética cujos textos nos podem remeter aos problemas e dilemas que afectam o povo angolano” (Cambanda, 2021, p. 6), o que leva a perceber essa dimensão social na obra de Feijó e na crítica de Cambanda. Ao adentrar nos aspectos da própria obra, o crítico assegura: “A obra *Doutrinárias Lâminas Doutrinárias* encerra um espaço estético rico e com a linhagem sintagmática ao ético, ao cívico e, valorativamente, à moral, apresentando o que se enfrentou nos anos de 2008 a 2017 ou ainda se enfrenta” (Cambanda, 2021, p. 6), evidenciando uma leitura que apresenta elementos da própria construção estética e a relação com a realidade angolana. Ao final do ensaio, Cambanda conclui que “A obra, *Doutrinárias Lâminas Doutrinárias*, embora com algumas simples falas, farfalhas e falhas, encerra elementos técnicos e estéticos consagrados [...]” (Cambanda, 2021, p. 8).

Hamilton Venokanya, em seu texto “Crítica analítica – uma abordagem sobre autenticidade literária no panorama da literatura angolana”, anuncia, já no título, a abordagem de sua análise crítica a partir da “Crítica analítica”, ao tratar da questão da autenticidade na literatura angolana. Venokanya (2021) destaca que a crítica literária em Angola surgiu sob a influência de valores ideológicos, devido à “inoperância da produção académica” (Venokanya,

2021, p. 17), o que condicionou o estado atual da literatura angolana. Para o crítico, um dos problemas reside no fato de que a “[...] Historiografia da Literatura [está] à sombra do poder político” (Venokanya, p. 17), o que gera “uma opacidade na leitura crítica sobre autenticidade literária no panorama da literatura angolana”, ou seja, esse aspecto político acaba por empobrecer algumas leituras críticas sobre autenticidade. Venokanya continua o seu texto, chamando a atenção para a marginalização de alguns escritores, como Viriato da Cruz, e para os critérios de consagração de outros, como José Eduardo Agualusa, concluindo que “A Instituição Literatura Angolana ainda não é autónoma” (Venokanya, p. 18). Venokanya estabelece, ainda, ao que parece, um conjunto de princípios para o exercício da crítica literária em Angola. De acordo com Venokanya

Embora toda criação parta de uma ideologia, é fundamental que toda análise ou crítica literária não se assente nas convicções ideológicas. O crítico tem de partir o espelho estanque da ideologia. Analisar as produções, tais como elas são, sem se refugiar à Estética da Recepção, que entendemos ser também um perigo, quando mal interpretada, em favor de obras menos conseguidas (Venokanya, 2021, p. 18).

Ao encaminhar a discussão do seu ensaio ao final, Venokanya propõe a discussão da autenticidade como ferramenta essencial da crítica analítica. Para o crítico, a crítica analítica poderia servir como “um filtro racional e coerente” (Venokanya, 2021, p. 21) para avaliar obras literárias, distinguindo a evolução estética de práticas de plágio, ressaltando que “a autenticidade literária será aferida pelos traços identitários e distintivos: o semântico, estrutural, estilístico” (Venokanya, p. 21). Para tal discussão, ele menciona autores como Pepetela, João Tala, Helder Simbad, Kanguimbu Ananás, afirmando que as produções desses escritores “apresentam traços identitários relativamente à autenticidade literária” (Venokanya, 2021, p. 21-22).

No texto “Pelo olhar da semiótica: leitura crítica e interpretativa de *Pintura dos ecos*, de Ema Nzandi”, escrito por Destino Ventura, o crítico realiza uma leitura da obra sob a perspectiva da semiótica para analisar a obra mencionada no título. Ventura inicia sua análise retomando o escritor e historiador francês Voltaire, com uma epígrafe no início do artigo, que diz: “A pintura é poesia sem palavras” (Voltaire *apud* Ventura, 2021, p. 24). Antes mesmo de analisar os poemas, o crítico busca, em dicionários on-line, as definições das palavras “pintura” e “eco” para compreender como esses significados dialogam ou podem contribuir para a compreensão da obra poética da autora. Ao longo do texto, o autor faz uma análise, ou melhor, uma leitura, de alguns poemas que compõem a obra *Pintura dos ecos*, de Ema Nzandi, e afirma que o título leva os leitores a experimentar “impressões que apontam para um retorno ao

passado que deixou marcas, rastros, vestígios e que, sucessivamente, se repetem em si como um movimento de retorno.” (Ventura, 2021, p. 24-25). Segundo o crítico, “[...] o poeta da obra ‘Pintura dos Ecos’ retrata, com palavras, episódios que o tempo criou, quer no pretérito, quer no presente, uma apreensão que marcou os impactos adquiridos em sua vida” (Ventura, 2021, p. 25). Ao analisar o poema que dá nome ao livro, Ventura fundamenta a escolha da semiótica como perspectiva de leitura, argumentando que a linguagem poética é constituída por signos que produzem múltiplos sentidos. Para o crítico:

A linguagem poética actua na sensibilidade e na cognição e tem em seu cerne a comunicação a transmitir o quotidiano com uma gama enorme de recursos revestidos por signos em múltiplas significações. Portanto, elegemos a semiótica, que é o estudo dos signos e da semiose e que estuda todos os fenómenos culturais como se fossem sistemas sýgnicos, isto é, sistemas de significação, porque o mundo da linguagem transforma o mundo das práticas de vida em muitos discursos que percorrem as múltiplas acções e reacções da vida quotidiana. (Ventura, 2021, p. 25-26)

Ou seja, a citação evidencia que o olhar da semiótica constitui o principal fundamento teórico da crítica de Ventura. Ao final do ensaio, o crítico conclui que “A poesia de Nzandi, marcada sobretudo por simbolismo, revela as grandes mudanças, tanto no que diz respeito aos assuntos sociais como económicos e culturais” (Ventura, 2021, p. 29).

Na resenha intitulada “As transparências de Ondjaki”, escrita pela portuguesa-angolana Luisa Frestas, a crítica apresenta uma leitura detalhada do título *Os transparentes*, do angolano Ondjaki, relatando o seu contato com a obra e a narrativa que a envolve. Ao comentar sua experiência de leitura, Frestas ressalta o seguinte:

Tenho para mim que os bons livros, aqueles que perduram na memória, exalam cheiro, som, imagem, para além de nos oferecerem o prazer tátil de sentir a sua textura; podemos arrumá-los, conhecer-lhes o peso e a forma, fotografar com o olhar um parágrafo intrigante e convidá-lo para os nossos sonos. *Os Transparentes* pertence, com certeza, a esse grupo restrito mas sempre aberto e em constante evolução (Frestas, 2021, p. 33-34).

Ao encerrar a sua leitura, Frestas recupera a célebre passagem de *O pequeno príncipe*, do autor francês Saint Exupéry, segundo a qual “O essencial é invisível aos olhos” (Exupéry *apud* Frestas, 2021, p. 34) para afirmar que em *Os transparentes*, “também, neste invulgar cenário de Luanda, estas personagens cristalinas serão, porventura, invisíveis para os olhos, e por isso mesmo devem ser lidas com o coração” (Frestas, 2021, p. 34).

Já na resenha “Conflitos de crenças e/ou forças em ‘Bola com feitiço’ de Wanhenga Xitu”, do crítico Marques Nganga, o autor faz uma leitura da obra *Bola com feitiço*, de Wanhenga Xitu, relacionando-a aos aspectos culturais da sociedade angolana. Para Nganga:

“*Bola com feitiço* leva-nos também a perceber que a prática do feitiço é uma realidade cultural em muitos países africanos (e não só), e que muitas vezes, exige obscurantismo intelectual a quem a ele adere” (Nganga, 2021, p. 38). No aspecto da crítica literária, chama muito a atenção a seguinte afirmação:

No plano estético, segundo a retórica clássica, quanto ao estilo, em sentido lato, percebemos que «*Bola com Feitiço*» foi tecida por um estilo simples por se socorrer da linguagem corrente, variando, às vezes, com algumas expressões idiomáticas. Aliás, o escritor já nos habituou a isso, pois possuía a fundamental preocupação em estabelecer uma ligação semiótica com o seu povo (Nganga, 2021, p. 39)

A citação mostra que o crítico recorre à retórica clássica para fundamentar a sua leitura e evidenciar como Xitu constrói um “estilo simples”, marcado por “expressões idiomáticas” a fim de “estabelecer uma ligação semiótica” com os angolanos.

No texto “O autor e o sujeito lírico no poema ‘Lua(anda)’ de Marquita 50”, escrito por Edmira Cariango Manuel, a pesquisadora realiza uma leitura do poema “Lua(anda)”, de Marquita 50, pseudônimo de Cíntia Eliane Gonçalves André, presente no livro *As simetrias de mulher*, focada na distinção entre o autor que escreve o poema e o sujeito lírico. De acordo com Manuel,

O autor é a entidade operatória que concebe o poema e nele objectiva suas ideias, aspirações de individualidades ou colectividades. O sujeito lírico é uma entidade estrutural, isto é, fictícia, criada pelo autor como a voz do poema; não tem existência operatória e não deve ser confundido com o autor. Do autor, são ou não as ideias. A expressão é do sujeito poético, também conhecido por eu lírico (Manuel, 2021, p. 42)

Ao estabelecer essa distinção, nota-se que a crítica fundamenta a sua leitura em conceitos da teoria literária, evitando identificar a voz enunciativa do poema com a experiência de vida do autor; assim, a sua leitura está focada na própria construção do texto. Chama a atenção também um novo aspecto relacionado à composição estética do poema, tendo em vista que Manuel menciona que a autora recorre a um novo recurso estilístico ao colocar o título abaixo do poema, em vez de seguir a forma tradicional de colocá-lo em cima. Estética, inclusive, segundo Manuel, “característica da Agriestética – Poética do Movimento Litteragris” (Manuel, p. 42-43). Fato curioso é que, numa revista de crítica literária, apenas poucos dos textos — este, por exemplo — têm as referências bibliográficas ao final dos artigos. Vale mencionar que o Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris é idealizado pelo diretor da revista *Mayombe*, Helder Simbad, e oferece formações a estudantes sobre crítica literária.

Em “A condição feminina evidenciada na poesia de Paula Tavares e Florbela Espanca

– uma tentativa de proximidade”, Fernando Dyakafunda propõe uma leitura comparativa entre as obras *Ritos de passagem* (1985) e *Charneca em flor* (1931), de Florbela Espanca, tendo como eixo de análise a condição feminina, conforme exposto no título. Segundo o crítico, embora as autoras tenham vivido em épocas diferentes, marcadas pela inferiorização da mulher, as suas produções rompem com a imagem “tradicional” da mulher na sociedade, apresentando um sujeito poético que questiona os papéis sociais. Cito Dyakafunda:

Apesar de terem vivido num contexto em que o tratamento dado ao sexo feminino era ainda de inferioridade em relação ao sexo masculino, Florbela Espanca e Paula Tavares, em suas poesias, não reflectem a imagem de uma mulher casta, silenciosa, obediente, passiva e submissa, vista como mero objecto de desejo. Pelo contrário, transgridem os valores, trazem um eu lírico que subverte os papéis tradicionais atribuídos ao homem e a mulher. (Dyakafunda, 2021, p. 47)

Ao recorrer aos teóricos para compreender a escrita de Paula Tavares, o crítico retoma o prefácio da obra *Ritos de passagem*, escrito por Inocência Mata, em que ela ressalta: “é preciso ler Paula Tavares a partir de uma mudança de direcção. É uma poesia que pela primeira vez na nossa história traz composições em que a voz da mulher se faz ouvir na sua individualidade, feminilidade e corporeidade” (Mata *apud* Dyakafunda, 2021, p. 48). O crítico ainda ressalta que “Paula Tavares é a poeta que faz um apelo à mulher para impor outro *modus vivendi* na forma de como a mulher é vista no panorama sociocultural”, mostrando que a autora é lida a partir de um viés da crítica literária que recorre ao universo a que a obra se refere para poder analisá-la. Por sua vez, Dyakafunda assegura que “Espanca cria um diálogo com a tradição, desenha uma imagem de um ente feminino extraordinário, cheio de grandeza, mesmo perante um presente amargo” (Dyakafunda, 2021, p. 48). Culminando para o fim da discussão, vale ressaltar que o crítico recorre, também, ao filósofo Gerd Bornheim, para dizer que “é impossível abordarmos o moderno sem fazermos referência à tradição, do mesmo modo que é impossível uma abordagem do conceito de tradição independente da ruptura, uma vez que a tradição e a ruptura se espelham reciprocamente” (Bornheim *apud* Dyakafunda, 2021, p. 48), o que reforça a ideia de que a sua leitura dos poemas não se limita apenas aos textos poéticos, ele busca compreendê-los a partir das tensões entre estética e a condição feminina na sociedade.

No texto “Uma análise psíquica ao poeta Agostinho Neto a partir do poema ‘Conscencialização’”, Waxyakulo Francisco realiza uma leitura do poema que integra a obra poética *Sagrada Esperança*, de Agostinho Neto, fundamentando a sua análise em uma perspectiva psíquica. O crítico recorre a algumas definições de “Sagrada” e “Esperança” para compreender a obra *Sagrada Esperança* a partir dos signos e dos sentidos, segmentando o poema como sendo estruturado do seguinte modo: Exposição da vida real ou fáctica; Via pela

qual se podem operar mudanças na realidade fáctica; O porvir risonho, o qual é o objecto sagrado” (Francisco, 2021, p. 53). Acrescenta, também, que, embora seja possível realizar outras análises da obra, ele recorre aos princípios hermenêuticos estruturalista e filosófico-materialista para a sua leitura. Cito:

No entanto, objectiva e materialmente, o sentido do discurso da obra vai convergir. É sobre este viés, através do método hipotético-dedutivo, segundo os princípios hermenêuticos estruturalista e filosófico-materialista, que analisaremos o poema «Consciencialização» do livro «Sagrada Esperança» de Agostinho Neto (Francisco, 2021, p. 54).

No texto “Tela, caneta em refluxos”, escrito pela professora universitária Domingas Monte, acerca da obra *Março entre meridianos*, da autora portuguesa-angolana Luísa Fresta, a crítica retoma uma frase de Álvaro de Campos, um dos heterônimos do poeta português Fernando Pessoa, no qual tem-se a seguinte definição de arte: “É obra de arte tudo aquilo que produz uma emoção de prazer, independentemente de satisfação, utilidade ou verdade” (Campos *apud* Monte, 2021, p. 58). A partir dessa conceituação, é possível notar que, para analisar a obra da autora, Monte parte do pressuposto de que a obra analisada atende a essa experiência estética, marcada pelo prazer. Nas falas da professora, a obra de Fresta apresenta “[...] vivências e [...] memórias que ressurgem das telas para as nossas almas, através da escrita” (Monte, 2021, p. 58). Nesse contexto, as “telas” representam metaforicamente o espaço em que as experiências e memórias são projetadas e se materializam, seja na mente da autora, nas imagens que ela evoca em suas palavras, ou mesmo como uma alusão à tela de um pintor, na qual a arte ganha forma.

No artigo “Antonianoismo em ‘Kimpa Vita a profetisa ardente’ de José Mena Abrantes”, o crítico João Fernando André (2021) toma como base o Antonianoismo (ou movimento Antoniano) para mostrar como ele é retratado na obra *Kimpa Vita*, de José Mena Abrantes. Nas falas do crítico, o “Movimento Antoniano era de cariz cívico-cristão e tinha existido no Reino do Kongo. Formado pela profetisa Beatriz Kimpa Vita, velha Apolónia Mafuta, João Barros e os seus sequazes, esse movimento [...] procurava africanizar o cristianismo e unir novamente o Reino do Kongo” (André, 2021, p. 62). A partir dessa explicação sobre o surgimento do movimento, André demonstra, por meio de passagens do livro, como isso se dá na peça. Cito o crítico:

Os antonianos, pelo que se pode notar em algumas cenas da obra de Mena Abrantes, renegavam a confissão porque os padres acabavam por revelar às autoridades coloniais tudo de mal que ouviam no confessional. Quanto à renegação do baptismo e do matrimónio, nota-se que era devido ao facto de que a líder religiosa e outros

membros já tinham crença num Deus e, feliz ou infelizmente, ter relações amorosas e filhos antes do sacramento do matrimónio não constituía qualquer transgressão [...] (André, 2021, p. 67).

É possível perceber, então, que a crítica de André é construída a partir do diálogo entre o texto literário e o contexto histórico no qual a obra se insere. Ao recuperar esses aspectos do Antonianismo e evidenciá-los na obra de Abrantes, percebe-se, mais uma vez, que as críticas presentes na revista *Mayombe* tendem a recorrer ao universo ao qual se referem.

Em “África sobre o olhar indigenista de Maria Rocha”, o professor David Calivala realiza uma leitura crítica da obra *África em mim*, de Maria Manuela Rocha. Logo no início do ensaio, o crítico formula um questionamento muito pertinente, sobretudo no âmbito da crítica literária, para orientar a sua análise. Calivala questiona: “[...] que África escreve o escritor africano?” (Calivala, 2021, p. 68), sugerindo preocupação com a perspectiva de representação nas obras. O crítico explica que há uma diversidade de assuntos a serem abordados na escrita sobre o continente africano. Ao adentrar na obra de Rocha, aponta: “Parece-me ser flagrantemente indigenista a abordagem poética em «*África em Mim*» de Maria Manuela Rocha” (Calivala, 2021, p. 68). Em sua análise, Calivala argumenta ainda que “O sujeito poético discorre pela africanidade numa memória tão distante do que é a África actual” (Calivala, 2021, p. 68), indicando uma desconexão entre a representação e as realidades contemporâneas do continente. O crítico busca então, para essa perspectiva, uma resposta na biografia da autora. Ele diz: “Talvez se justifique pelo facto de a autora ter saído de Angola um ano antes da independência. Hoje, muita coisa mudou” (Calivala, 2021, p. 68). Com isso, sua leitura ultrapassa os limites do texto literário e busca, na vida da autora, elementos para responder à representação desatualizada do continente presente em sua obra.

Na resenha “Onde há uma mulher, haverá sempre um crime: um olhar transversal sobre *O álibi perfeito* de Patrícia Highsmith”, de Pedro Mayamona, ele faz uma leitura da obra da norte-americana Patrícia Highsmith, composta por 5 narrativas. Recorrendo a uma perspectiva “apolinária”, Mayamona ressalta que as novelas¹¹ da obra referida: “[...] nos actualizam a vida e o mundo dos delitos – todos premeditados, alguns punidos e os outros passam despercebidos do olhar atento dos agentes da autoridade, da segurança e da ordem pública” (Mayamona, 2021, p. 73).

No ensaio “A dimensão mitológica, humorística e a metamorfose cultural em *Angola*

¹¹ Em uma breve explicação no texto, o crítico ressalta o seguinte: “Essas narrativas correspondem a novelas, tendo em conta a quantidade de páginas, dezassete no mínimo, maiores em comparação as dos contos, isto sob o prisma de Angélica Soares, Doutora em Letras e professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro” (Mayamona, 2021, p. 72).

angolê angolema de Arlindo Barbeitos”, escrito por Job Sipitali, o crítico desenvolve uma leitura centrada na decadência dos ensinamentos ancestrais africanos. Segundo o crítico, Barbeitos, em *Angola angolê angolema*, “traz-nos um substrato da literatura oral angolana, assumindo um acto antropológico do passado e do presente” (Sipitali, 2021, p. 78), recuperando elementos da tradição oral como forma de preservar a memória cultural angolana. Ao analisar um dos poemas, Sipitali afirma: “Denota-se uma poesia realista e mitológica que se prende com o existencialismo” (Sipitali, 2021, p. 78), isto é, uma poesia que combina características realistas (ligadas à vida e à realidade) e mitológicas (relacionadas aos mitos e histórias ancestrais) para refletir sobre a condição humana. O crítico recorre aos ensinamentos da filosofia bantu e argumenta que há um declínio desses ensinamentos. Nas falas do crítico: “O mundo sonhado por Barbeitos, para a preservação da filosofia bantu, tem ido abaixo por razões sobejamente conhecidas, como a colonização, a globalização, a tecnologia etc.” (Sipitali, 2021, p. 79). Por fim, o crítico chama a atenção para os lexemas “Angolê” e “Angolema” utilizados por Barbeitos no título da obra, afirmando que eles “marcam uma metamorfose radical, quase institucionalizada pela sociedade actual em oposição à ciência dos antepassados. Daí a razão de o autor ter intitulado sua obra de ‘Angola Angolê Angolema’” (Sipitali, 2021, p. 79), demonstrando que a tradição e a modernidade atravessam toda a obra, desde o título.

No artigo “Incoerência discursiva em ‘A Lunda de Castro Soromenho: alegorias de um império ido (1930-1968)’”, de Cássio Santos Melo, e em “‘Figurações da lunda: experiência histórica e formas literárias’ de Raquel Silva”, muito diferente das abordagens anteriormente vistas, o crítico João Ngola Trindade distancia-se das análises voltadas à literatura e dirige sua crítica a duas teses de doutorado produzidas por pesquisadores brasileiros. Em seu texto, o autor realiza uma leitura crítica de alguns apontamentos presentes nas teses sobre a obra de Castro Soromenho, procurando demonstrar, como sugere o título, o que ele considera “Incoerência discursiva”. Sobre as teses de Cássio Santos Melo e Raquel da Silva, o crítico ressalta mérito, sobretudo na de Melo, pois ela analisa artigos históricos e etnográficos publicados em periódicos portugueses que eram “ignorados pela maioria dos críticos” (Trindade, 2021, p. 83); mas também aponta algumas falhas metodológicas e carências de fundamentação histórica.

Também, ao fugir de uma análise literária de obras ficcionais ou poéticas, em “O animal menos dotado contra o cágado no cepo: fobia argumentativa, egocentrismo doentio, falácias de diversão e narcisismo indígena – enfrentamento dialéctico do choque discursivo entre Luís Kandjimbo e Jacques dos Santos”, de Agostinho João, tem-se uma espécie de nota de “repúdio” aos choques discursivos entre Luís Kandjimbo e Jacques dos Santos sobre a existência de uma crítica literária em Angola. João recorre a uma perspectiva dialética para argumentar sobre o

conflito travado entre os dois grandes nomes da literatura angolana, para afirmar que “[...] a crítica literária em Angola existe e esta é uma verdade incontestável” (João, 2021, p. 101). Toda a discussão começou após Santos negar, em entrevista à Televisão Pública de Angola, “a existência da crítica literária em Angola, o que ele considera ser fundamental para a evolução da literatura de um país” (João, 2021, p. 95). Segundo João, essa afirmação motivou Kandjimbo a publicar, em 7 de junho de 2020, no *Jornal de Angola*, um artigo intitulado “O cepo, as controvérsias literárias e seus inimigos”. No artigo, como afirma João, o autor “reduz o discurso de Jacques dos Santos em duas meras palavras (cepo e controvérsia) e o ridiculariza através de dois provérbios em Umbundu nos quais centra o seu contradiscurso”. Em resposta a Kandjimbo, como afirma João, Santos publicou uma nota no mesmo jornal, acusando, entre outras coisas, Kandjimbo de “preconceito e elitismo, servindo-se da crítica literária para humilhar quem não é do seu agrado” (Santos *apud* João, 2021, p. 96). E em relação à crítica literária, reafirmou o seu posicionamento ao dizer que ela “Anda provavelmente escondida em sítios onde em nada contribui para a evolução da literatura angolana” (João, 2021, p. 97). No texto, João reforça que nada agrega os posicionamentos de ambos os autores à Instituição da Literatura Angolana, e que há controvérsias em ambos os discursos. Todavia, o que chama a atenção é o fato de ele reafirmar que há, sim, uma crítica literária em Angola, mesmo que não se restrinja apenas à UEA ou aos espaços acadêmicos.

No texto “‘Além da noite’ de João Tala, um mistério por se desvendar”, Ernesto Daniel distingue João Tala como “[...] um dos melhores poetas e prosadores, ou senão mesmo o melhor da sua geração” (Daniel, 2021, p. 108), e destaca que “seus textos incidem no simbolismo e no surrealismo francês, adotados por poetas como Rimbaud, Artaud, Breton e tantos outros, trazendo uma poesia de automatismo verbal” (Daniel, 2021, p. 108). Ao ler *Além da noite*, composta por duas novelas, “José Kafalanga” e “Famélia Kafundanga”, o crítico busca elementos da sociedade angolana para falar sobre elas. Ernesto afirma que “José Kafalanga” “[...] é uma novela que faz uma leitura verossímil dos dilemas dos nossos dias” (Daniel, 2021, p. 112), enquanto “Famélia Kafundanga” é “[...] apenas um título de pretexto para desenhar uma história que nos conduz às mais atribuladas makas do nosso quotidiano e de um passado que marcou várias gerações” (Daniel, 2021, p. 113).

O último texto do primeiro volume da *Mayombe*, intitulado “Uma leitura psicocrítica do *modus operandi* do déspota de ‘O ocaso dos pirilampos’: o romance de confissão”, escrito pelo crítico literário Hélder Simbad, apresenta uma leitura da obra de Adriano Mixinge, com foco na interpretação do comportamento e nas ações do narrador sob uma perspectiva psicológica e psicopatológica.

Ao final desta análise, vale ressaltar que, enquanto existiu, a *Mayombe* assumiu o papel de revista de crítica literária, contribuindo para a consolidação da Literatura Angolana, de uma crítica que poderia vir a se tornar “audaz” e “regular”.

1.4 *Mayombe* 2ª edição – 2022

Poderia começar esta análise por diversos caminhos, mas parece-me mais pertinente iniciar pela própria apresentação que a revista faz de si, na seção do suplemento jornalístico. Nele, a *Mayombe* define-se “[...] como um espaço para se falar de literatura com excelência e para se julgar as mais notáveis produções literárias com todo o rigor que se exige”; e se acrescenta ainda que ela “nasce da necessidade de se contribuir para o elevar de uma Instituição Literária em Angola que, com excelência, galgue os mesmos espaços das mais notáveis obras a nível mundial por sua sublimidade” (Mayombe, 2022).

É nesse contexto que se insere a segunda edição da revista *Mayombe*, assumidamente como “O viveiro da crítica literária em Angola”. Na nota editorial, escrita por Agostinho João, o editor ressalta que a crítica feita na revista “[...] é aquela que pauta pela criteriosidade do fenómeno literário e pela verdade científica” (João, 2022, p. 5). Recorrendo ao teórico espanhol Jesús González Maestro, João acrescenta ainda:

A crítica nasce da objectivação do acordo e do desacordo – isto é, nasce da dialéctica –, colocadas essas diferenças em termos que devem ser verificados pela Ciência, e não pela psicologia pessoal nem pela ideologia gregária e gremial, nem pela retórica do sofista, cujas palavras carecem de referentes materiais e de conteúdos verdadeiros (João, 2022, p. 6)

Ao longo da leitura das 11 críticas desta edição, será possível compreender como esses críticos constroem o exercício da crítica literária e quais procedimentos mobilizam em suas análises. Chama ainda a atenção, diferentemente do *corpus* analisado anteriormente, a presença de críticos de diferentes nacionalidades, com um brasileiro, uma portuguesa e um moçambicano no corpo crítico da *Mayombe*. No entanto, tendo em vista que esta pesquisa busca compreender o papel da crítica literária na consolidação do sistema literário angolano, optei por não me debruçar sobre os textos “Língua e liberdade: Guimarães Rosa contra as imposições da gramática normativa portuguesa”, do crítico brasileiro Fábio Leal, e “A desconstrução da utopia (e a narrativa dos desafectos) em no verso da cicatriz”, do moçambicano José dos Remédios. Embora integrem o corpo editorial da *Mayombe*, entendendo que, por não serem e nem escreverem sobre títulos de autores angolanos, suas análises pouco acrescentariam ao estudo

aqui desenvolvido. Por outro lado, o texto de Ana T. Rocha foi mantido, pois, embora seja escrito por uma pesquisadora portuguesa, em sua análise, ela se dedica à obra de um autor angolano.

Convém mencionar também que esta edição da *Mayombe* é acompanhada de um Suplemento Jornalístico¹², composto por entrevistas, notícias, reportagens, sugestões de leitura e textos voltados à divulgação da literatura angolana. Na seção, é possível encontrar discussões sobre a literatura angolana, bibliotecas, editoras, premiações e demais atividades relacionadas ao cenário literário angolano.

No Quadro 4, apresentado a seguir, assim como se fez com os demais periódicos analisados, identificam-se os autores, as obras, o formato (artigo, resenha, etc.) e os críticos literários.

Quadro 4 - *Mayombe* 2ª edição - 2022

Autor(a)	Obra	Formato	Crítico
Agostinho Neto e Jonas Savimbi	<i>Sagrada esperança</i> , de Agostinho Neto, e <i>Quando a terra voltar a sorrir um dia</i> , de Jonas Savimbi	Artigo	Hélder Simbad
Luandino Vieira	<i>Papéis da prisão</i>	Artigo	Ana T. Rocha
Mia Couto	<i>Um rio chamado tempo</i> , <i>Vinte e zinco</i> , <i>Estórias abensonhadas</i> , <i>O fio das missangas</i> , <i>O outro pé da sereia</i> , <i>Terra sonâmbula</i> , <i>A confissão da leoa</i> , <i>A</i>	Artigo	Fernando Dhyakafunda

¹² Não entrarei em detalhes sobre as entrevistas, reportagens, notícias etc., presentes no Suplemento Jornalístico, entendendo que o foco da análise são as críticas literárias. Nos outros periódicos, foi necessário fazer essa leitura porque havia uma ausência, uma lacuna no aspecto crítico. Os próprios editores ressaltam que são 11 críticos, 11 leituras críticas, então, penso que o melhor caminho seja focar apenas nelas.

	<i>varanda do Frangipani, Mar me quer</i>		
-	-	-	-
Helder Simbad e Kalunga	<i>Enviesada rosa e insurreição dos signos, de Helder Simbad, e Evangelho Bantu, de Kalunga</i>	Artigo	Destino Ventura
João Tala	<i>Rua da insónia</i>	Artigo	Edmira Cariango Manuel
Adriano Botelho de Vasconcelos, Neusa Dias, Tomé Bernardo ¹³	<i>Boneca de pano: Colectânea do Conto Infantil Angolano</i>	Artigo	Job Sipitali
Denise Kangandala	<i>Arquipélago sonoro</i>	Artigo	José Manuel
Reinira ²⁸	<i>Com quem me casei?</i>	Artigo	Estêvão Ludi
Gociante Patissa	<i>Homem que plantava aves</i>	Artigo	David Calivala

Voltado aos princípios da crítica comparatista, em “No ringue da crítica literária: confluências e enfrentamento filosófico entre Agostinho Neto e Jonas Savimbi”, o crítico Helder Simbad, em uma abordagem muito ousada, coloca em xeque as “confluências” e “divergências” entre as obras *Sagrada esperança*, de Agostinho Neto, e *Quando a terra voltar a sorrir um dia*, de Jonas Savimbi. Digo “ousada” em razão do lugar político ocupado por ambos os autores na história de Angola desde a independência do país, e da surpresa que o próprio Simbad tem ao reconhecer que não há estudos, nem em Angola nem fora do país, que aproximem as obras poéticas dos políticos. Simbad diz: “Choca-nos, conhecendo a produção poética de Agostinho Neto, não haver abordagens ou estudos comparados entre ambos, produzidos por críticos angolanos e até mesmo por estrangeiros em quase duas décadas de paz efectiva” (Simbad, 2022, p. 12). Para justificar essa ausência, o crítico assegura que pode estar relacionada à “incipiência da Crítica e por que o elemento ideológico-político orienta a

¹³ Esses são os nomes dos autores que constam na capa da antologia.

actividade académica” (Simbad, 2022, p. 12). Ao longo do texto, Simbad aponta as confluências e divergências entre as obras de Neto e Savimbi. Segundo Simbad, a primeira confluência já aparece nos títulos que, segundo o crítico, evocam uma ideia de “transitoriedade”, marcada “numa espera utópica marcada pela ‘dialéctica’ da ‘mudança’ vs ‘permanência’” (Simbad, 2022, p. 13); em seguida, o crítico destaca que os autores compartilharam o mesmo espírito de denúncia e desejo de independência” (Simbad, 2022, p. 13); aproximando-se, também, de no que diz respeito “[a]o estado de religiosidade africana, muito ligada ao mito, à natureza, ao culto aos antepassados” (Simbad, 2022, p. 14); e, por fim, Simbad observa que convergem em “valores estéticos”, em “uma poética construída com uma linguagem simples, orientada possivelmente pelo contexto de criação em que estavam inseridos” (Simbad, 2022, p. 14).

No texto “Papéis da prisão, de Luandino Vieira: a escrita de si no século da violência”, escrito pela portuguesa Ana T. Rocha, a crítica debruça a sua análise sobre a obra *Papéis da prisão*, de Luandino Vieira, voltando o seu olhar para a literatura testemunhal do século XX; e a escrita de si, já evidenciada no próprio título do texto e na passagem em que ela diz que essas obras do século XX tinham em comum a “escrita de si: uma escrita que expõe a construção de uma doutrina, uma auto disciplina pensada para fazer face ao contexto hostil, tendo como alvo a resistência e a sobrevivência da identidade e valores do sujeito (Rocha, 2022, p. 20). Ao recorrer ao filósofo Michel Foucault, numa tentativa de entender a “escrita de si”, na obra de Luandino Vieira, Rocha ressalta que “existem 3 estilos de ‘escrita de si’: (1) a ‘escrita espiritual’; (2) a ‘hypomnemata’ e (3) a ‘correspondência’” (Rocha, 2022, p. 21). Embora não faça uma leitura detalhada da análise da crítica, é importante ressaltar que essa leitura, a partir de Foucault, mostra que Rocha, para compreender a obra de Vieira, recorre a textos teóricos que lhe permitam relacionar a vida e a obra do autor.

Sendo um dos poucos casos, ao longo da leitura do *corpus*, que se propõe a trazer autores de outras nacionalidades para a leitura crítica das obras, no texto “A mística do entrecruzamento e semioses interlocutivas: marcas do insólito em Mia Couto”, escrito por Fernando Dhyakafunda, o crítico realiza uma leitura da obra em prosa do moçambicano Mia Couto e destaca que, nos livros do autor, há uma “hibridação das manifestações literárias” (Dhyakafunda, 2022, p. 30), isto é, na escrita de Couto, é possível perceber elementos do animismo, do realismo mágico e do fantástico. Para Dhyakafunda, a ficção do autor “se alimenta tanto da cultura de matriz Bantu como também recebe na sua escrita outras manifestações fora do imaginário africano” (Dhyakafunda, 2022, p. 30). Ao tentar evidenciar como o conceito de animismo está presente na escrita “miacoutiana”, o crítico recorre à obra *Lueji*, do angolano Pepetela, apontado como um dos primeiros a utilizar o conceito de “realismo

animista” em sua escrita; e ao texto “Explorations in Animist Materialism: Notes on Reading/Writing African Literature, Culture, and Society”, do sul-africano Harry Garuba, expandindo a discussão para além de crenças religiosas, constituindo práticas culturais da sociedade africana.

A partir do dialogismo literário, o crítico literário Destino Ventura, em seu texto “A grande diferença entre ser conduzido e ser arrastado: intertextualidade entre *Enviesada rosa*, *Insurreição dos signos* e *Evangelho bantu*”, propõe-se a analisar as obras *Enviesada rosa* e *Insurreição dos signos*, de Helder Simbad, e *Evangelho bantu*, de Kalunga. Para fundamentar a sua leitura, Ventura recorre ao “ponto arquimédico”, teoria do filósofo grego Arquimedes, como proposta teórica para a sua análise, colocando as obras em um “ponto estático” para, em seguida, submetê-las a uma análise “racional, dialéctica, científica, filosófica e crítica” (Ventura, 2022, p. 47). O crítico demonstra a intertextualidade por meio de uma análise comparativa direta dos textos, evidenciando as relações de diálogo entre si.

Presente em 3 dos 5 periódicos analisados, Edmira Cariango Manuel se destaca na cena da crítica literária de obras angolanas. Em “Radiografia da alma humana e a utilidade da poesia em ‘Rua da insónia’ de João Tala”, Manuel faz uma leitura da obra poética de João Tala e ressalta que a poesia do autor “Expressa uma carga de vivências e memórias do sujeito, descritas em tom confessional, com poeticidade elevada e certo grau de hermetismo com casos de que seria preciso uma viagem a história do país e a biografia do autor para se desfazer a cortina do enigma” (Manuel, 2022, p. 56).

É, de certo modo, muito surpreendente que a literatura infantojuvenil ganhe espaço nesse cenário da crítica literária, e é igualmente satisfatório ver que ela ainda desperta interesse no olhar crítico de alguns estudiosos. Ressalto essa questão porque é uma produção que, não raras vezes, tende a não despertar o interesse dos críticos. Ora, os autores que escrevem para o público infantil também precisam de críticas para melhorar em aspectos X ou Y. Feita essa breve introdução, no texto “A práxis da linguagem primária e não primária em *Boneca de pano*: colectânea do conto infantil angolano”, escrito por Job Sipitali, o crítico examina a adequação da linguagem empregada nos contos da antologia em questão, propondo uma distinção entre a linguagem “primária” e a “não primária”, a partir da forma como elas se conectam com o universo da criança. Essa questão é muito pertinente à discussão sobre a crítica literária, tendo em vista que um dos parâmetros de Abrams é o público ao qual as obras se destinam. O termo “práxis”, afirma o crítico, é utilizado para destacar que a linguagem da literatura infantojuvenil tem um propósito fundamentalmente diferente da “poiesis” e está ligada à comunicação de obras para crianças. O crítico ressalta: “a preferência do emprego da palavra práxis é para

relevar que, no seu alvo existencial, ‘opõe-se à produção técnica’ (poiesis) e remete-se à predicação textual, referindo-se, totalmente, ‘ao que se diz acerca de algo’, neste caso para o nível das crianças” (Sipitali, 2022, p. 71). Ao longo do texto, Sipitali mostra como alguns autores da antologia acabam por esquecer o público-alvo de suas obras, como é o caso do conto “A noite, a árvore e o passarinho de Bibe Maravilha”, escrito por Jorge Macedo, que, segundo o crítico, “parece-nos distanciar-se do mundo real da criança, isto é, anuncia uma fuga a intencionalidade da obra: Contos Infantis” (Sipitali, 2022, p. 73).

A proposta inovadora no ensaio “Ritmos da natureza: um olhar fonoestilístico à Arquipélago sonoro de Denise Kangandala”, de José Bembo Manuel, consiste em voltar a atenção para os aspectos sonoros na poesia de Kangandala, tomando a fonoestilística como principal parâmetro para a sua leitura, chamando a atenção para o estilo adotado pela autora. O crítico ressalta que “examinar a expressividade e afectividade de um texto implica, entre outros caminhos, analisar os recursos expressivos, os esquemas sintácticos e os elementos mórficos” (Manuel, 2022, p. 78-79). Para o crítico, a obra *O arquipélago sonoro* articula a natureza e a fonologia formando um só plano estético. Ele diz: “Assim sendo, Arquipélago Sonoro apresenta-se como uma esfera de novas realidades, sensações, *modus vivendi* e *operandi*. A natureza é o ponto de partida, ou seja, o guião dos poemas de Denise Kangandala” (Manuel, 2022, p. 78-79). Assim, pode-se notar que, mesmo que o conteúdo temático dos poemas permaneça, o crítico desloca a sua atenção para a forma como a linguagem é construída.

No ensaio “Da acomodação disfêmica à semiose: um olhar sobre algumas expressões na obra *Com quem me casei* de Reinira²⁸”, o crítico literário Estêvão Ludi recorre aos estudos linguísticos para analisar a obra *Com quem me casei*, de Reinira²⁸, com foco na semiose e no conceito de signo, com base nos estudos de Charles Sanders Peirce. Sem me alongar muito, cito Ludi:

Dentro da semiose literária, a comunicação funciona tendo em conta os reflexos polissémicos. São esses reflexos que dão lugar ao complexo de signos numa dimensão de significados distintos. A semiose literária, entretanto, baseia-se na construção de enunciados, onde se pode reconstruir outros enunciados, tendo em conta os sentidos que se retêm nas palavras (Ludi, 2022, p. 87)

A partir dessa concepção, é possível perceber como o crítico concentra sua análise na forma como os enunciados são construídos na obra de Reinira²⁸, mostrando a construção de sentidos desses enunciados.

No último texto da revista *Mayombe*, “As dimensões do tradicional e os aspectos pedagógicos no conto ‘O homem que plantava aves’ de Gociante Patissa”, escrito por David Calivala, o crítico aponta para uma interligação entre o “tradicional angolano”, como ele bem

pontua, e os “aspectos pedagógicos” no conto “O homem que plantava aves”, de Gociante Patissa. Ao aprofundar a sua análise, Calivala recorre a Carlos Everdosa, que, por sua vez, recupera a classificação proposta pelo suíço Héli Chatelain acerca da literatura tradicional angolana. De acordo com Calivala (2022), retomando esses dois pensadores, a literatura oral angolana é classificada em: “Mi-soso”, que corresponde a todas as narrativas de ficção; “Maka”, referente às obras não ficcionais; “Ma-lunda ou Mi-sendu”, que são crônicas pertencentes a um povo guardadas e transmitidas por anciões; “Ji-sabu”, os provérbios; “Mi-imbu”, ligada à poesia e à música; e “i-nongongo”, referente às adivinhas. Após esse entendimento, o crítico demonstra que o conto de Patissa preserva a função pedagógica da tradição oral, sobretudo porque ele enquadra o conto do autor na segunda classe e diz “Nas maka, apesar de servirem também de distração, encerrando, desse modo, a função lúdica da literatura, tais histórias têm um fim instrutivo e útil” (Calivala, 2022, p. 92).

Por fim (ou enfim), esta segunda edição só demonstra a grande relevância que a revista ocupou no contexto da literatura angolana, contribuindo significativamente para a consolidação do sistema literário. Lamentavelmente, a revista não teve continuidade, o que interrompeu um projeto que se mostrava muito promissor para a consolidação da crítica literária em Angola. Este foi, então, o segundo e último volume da *Mayombe*.

1.5 “Cultura” – *Jornal de Angola* – 2024

O Jornal angolano de Artes e Letras, “Cultura”, embora não seja um jornal propriamente voltado à crítica literária, mas sim às artes e à cultura de modo mais amplo, desempenha um papel central na circulação de reflexões críticas sobre a literatura angolana. Neste trabalho, tomo como *corpus* de análise o Nº 290, publicado em 4 de dezembro de 2024, sob a direção de Matadi Makola. Por se tratar do único periódico do *corpus* que permanece em circulação atualmente¹⁴, ele ocupa um lugar muito importante, atuando como o único espaço da crítica literária fora das instituições acadêmicas. Neste caso, as escolhas dos autores comentados tendem sempre a recair sobre os grandes nomes da literatura angolana, sem muito espaço para os novos escritores. Ao observar a ocorrência de autores e obras presentes no volume, no Quadro 5, abaixo, percebe-se uma valorização recorrente de autores já consagrados no cenário literário angolano. Na capa do Jornal, destacam-se o ensaio sobre a obra *Maio, mês de Maria*,

¹⁴ O recorte da pesquisa é entre 2020 e 2024; no entanto, a informação refere-se ao momento da escrita da monografia, em 2026.

de Boaventura Cardoso, escrito pelo crítico literário A. C. Khamba; a entrevista com o autor Fragata de Moraes; e a nova obra *Rainha Njinga*, de Elsa Bárber, em gênero infantojuvenil.

Quadro 5 - “Cultura” – *Jornal de Angola* - 2024

Autor(a)	Obra	Formato	Crítico
Tony Frampénio	<i>Casados e cansados</i>	Resenha	Gil Vieira
Fragata de Moraes	-	Entrevista	Mário Cohen
Akiz Neto	<i>Poesia porta metal</i>	Artigo	Lopito Feijóo
Jorge Arrimar	<i>Cuéle – o pássaro troçador</i>	Apresentação	Katiana Silva
Maria João Coutinho	<i>Portas e janelas</i> – <i>Geografias do imaginário</i> ¹⁵	Artigo	Abreu Paxé
Boaventura Cardoso	<i>Maio, mês de Maria</i>	Ensaio	AC Khamba
Elsa Bárber	<i>Njinga Mbande – A rainha de Angola</i>	Apresentação	Katiana Silva

O livro *Casados e cansados*, de Tony Frampénio, foi lançado em 28 de novembro de 2024, 7 dias antes da edição do jornal aqui analisado. Em sua apresentação, o crítico Gil Vieira discorre sobre o dia do lançamento da obra e nos informa que ela aborda e reflete sobre os problemas que afetam os relacionamentos conjugais na sociedade angolana. No seu texto, Vieira retoma uma fala do literato Ernesto Daniel para afirmar que o livro de Frampénio “ultrapassa a arte e abrange situações reais da sociedade, mostrando que a falta de manutenção em um relacionamento pode provocar muitos problemas” (Daniel *apud* Vieira, 2024, p. 4), evidenciando a relação entre a obra e a realidade social, bem como a capacidade do texto de representar experiências cotidianas.

A entrevista intitulada “Muitos desses jovens auto-intitulados ‘escritores’ nem conhecem os clássicos da literatura angolana”, concedida ao pesquisador Mário Cohen, o escritor Fragata de Moraes, embora ofereça um panorama geral de sua produção literária, apresenta um posicionamento que dialoga diretamente com a questão proposta por mim, que tange à circulação e a recepção crítica de obras de autores angolanos dentro do próprio país,

¹⁵ O crítico não parece fazer a leitura de um texto literário, por isso não foi feita a análise do texto.

tanto é que a entrevista foi base para a formulação do problema desta pesquisa. O autor enfatiza que “Não se compreende que escritores como Pepetela, Fragata de Moraes, entre outros, sejam de leitura obrigatória nas universidades brasileiras e no seu país não” (Moraes, 2024, p. 21), o que nos leva a entender que ele está falando sobre a ausência de uma crítica institucionalizada, tal qual Borges Coelho defende. O autor ainda reforça que é “mais conhecido nas universidades brasileiras em relação às de Angola” (Ibid., p. 21), e sugere que o Executivo angolano crie “políticas de incentivo no sistema de educação¹⁶, a nível nacional, para que as escolas criem hábitos de leitura levando obras de escritores angolanos às escolas públicas, assim como seus respectivos autores para serem estudados” (Ibid., p. 21). Ressalte-se que a entrevista foi publicada um dia antes da publicação de seu livro *A senhora Sunflower e outros contos*.

No artigo “Revisitando a poesia de Akiz”, de Lopito Feijóo, ao fazer uma leitura da obra de Akiz Neto, o crítico parece debruçar-se apenas sobre o poema, sem recorrer a diferentes esferas, como já se viu em outras análises críticas. Logo no início de sua análise, ele classifica a obra *Poesia porta metal* como “deveras hermétic[a]”, e acerca da estética e do método, Feijóo observa que a “ambiguidade é lei” (Feijóo, 2024, p. 22) na escrita do poeta. Segundo Feijóo, Neto se inspira em passagens de pensadores como Mikhaill Baktin e Gerard Blais, o que sugere uma base filosófica para a composição dos poemas do autor. É válido ressaltar ainda que o crítico diz: “Estamos perante um persistente e corajoso trabalhador da palavra poética” (Feijóo, 2024, p. 22).

Na seção “Distinção” do periódico referido, dedicada ao poeta Jorge Arrimar, por ter recebido a honraria do VI Prêmio de Literatura DSTangola/Camões, tem-se o texto de nome “O prêmio é o reconhecimento de um livro e não de toda a obra”, escrito pela jornalista Katiana Silva. Reforça-se que aquele reconhecimento é por causa de um título específico, não de sua obra completa. De acordo com Silva, o poeta ressaltou que o prêmio recebido “É sem dúvida uma prova de reconhecimento do meu mais recente título ‘Cuéle - o pássaro troçador’, mas não digo da minha obra” (Arrimar *apud* Silva, 2024, p. 23). Essa afirmação levanta uma tensão ou, melhor, uma questão acerca de um reconhecimento pontual e a consagração da trajetória literária do autor, porque evidencia que nem sempre a atribuição de valor recai sobre a trajetória completa de um autor, o que é muito bom, porque autores novos também podem ganhar a honraria.

No texto “A identidade cultural angolana no narrador de “Maio, mês de Maria”, o crítico AC Khamba analisa a importância do narrador da obra *Maio, mês de Maria*, do escritor

¹⁶ Imagino que a grafia correta seja “educação”, mas na entrevista está “edução”.

Boaventura Cardoso. Ele coloca o narrador do romance como “uma biblioteca imaterial da cultura angolana” (Khamba, 2024, p. 26), tendo em vista que ele “preserva a memória colectiva dos angolanos” e segue a sua análise a partir do conceito de “angolanidade”, teoria estabelecida inicialmente por Mário Pinto de Andrade e, depois, por Luís Kandjimbo, defendendo-se a conservação dos aspectos culturais ou tradicionalmente da ‘memória colectiva dos angolanos’” (Khamba, 2024, p. 26).

Não entrarei na discussão sobre o lugar que a literatura infantojuvenil ocupa, não só no cenário literário angolano, mas, de modo geral, é de se pensar as poucas ocorrências ao longo do *corpus*. No texto “Rainha Njinga Mbande em género infantil pela pena de Elsa Bárber” escrito, novamente, pela jornalista Katiana Silva, informa-se que a obra da autora Elsa Bárber seria publicada com prefácio de John Bella e apresentada por David Capelenguela. Fugindo do aspecto crítico, o texto da jornalista apresenta-se como um informativo sobre o que iria ser publicado.

CAPÍTULO 2 - TENDÊNCIAS E PARÂMETROS DA CRÍTICA LITERÁRIA EM ANGOLA

Diversas afirmações sobre a existência e/ou ausência da crítica literária em Angola podem ser observadas na introdução e no capítulo anterior. Se fosse necessário fazer uma lista das principais tendências, a primeira, com certeza, seria a afirmação de que, em Angola, não há crítica literária. Lamentavelmente, é certo que ela não se mostra regular, mas vale ressaltar que há caminhos a serem construídos e há críticos mobilizados para a sua consolidação.

Com a leitura dos periódicos, é possível notar uma diversidade de abordagens teóricas e interpretativas mobilizadas pelos críticos, sejam eles da *Lavra & Oficina*, da *Mayombe* ou da “Cultura”, do *Jornal de Angola*, o que demonstra que a crítica literária, mesmo que ainda em seu processo de afirmação, não se organiza a partir de uma única perspectiva de análise. Cada periódico e cada crítico constrói a sua análise a partir de um olhar próprio, julgando aquilo que mais lhe parece certo, privilegiando determinados objetos de análise e recorrendo a diversos referenciais, mesmo que, num certo momento, muitos tendam a recorrer ao mesmo aspecto da crítica, isto é, analisar a obra a partir do universo a que ela se refere. É por essas constatações iniciais que este capítulo se orienta pela seguinte questão: quais são as tendências e os parâmetros da crítica literária em Angola abordados entre 2020 e 2024?

Tomando como ponto de partida a questão colocada acima, neste capítulo, serão discutidas as concepções de crítica presentes nos dois volumes da *Lavra & Oficina*; em seguida, aquelas evidenciadas nas duas edições da revista *Mayombe*; e, por fim, na seção “Cultura”, do *Jornal de Angola*.

Nos dois volumes da *Lavra & Oficina*, a crítica aparece de diferentes formas, quando efetivamente aparece. Ressalto essa observação porque, na edição de 2020, por exemplo, nota-se uma predominância de entrevistas, o que influenciou diretamente a maneira como a crítica literária é apresentada no volume, já que ela se desloca do exercício crítico para os questionamentos sobre sua efetividade. Numa tentativa de compreender esse predomínio de entrevistas, pode-se evidenciar que se trata de um número especial e comemorativo dos 45 anos da UEA e do retorno da revista, após duas décadas sem atividades. Em razão desse contexto, nota-se que os editores privilegiaram entrevistas e uma abordagem memorialística acerca da própria instituição e dos caminhos percorridos pela literatura angolana.

A revista parece construir um espaço de reflexão sobre a necessidade de uma crítica literária e, em seguida, abrir espaço para o exercício crítico. Enquanto o autor Boaventura Cardoso afirma que falta uma crítica literária, Roderick Nehone aponta que o papel da crítica

seria o ato de julgar, evidenciando que há uma reivindicação da presença de uma instância crítica capaz de avaliar e legitimar a produção de obras literárias. Por sua vez, em um ensaio crítico acerca da poesia de António Jacinto e Viriato da Cruz, o crítico Zetho Cunha Gonçalves faz uma separação clara entre o “trigo” e o “joio”, estabelecendo uma hierarquia entre os poemas, diminuindo o poema “Quero cantar e cantarei”, de António Jacinto, e exaltando “Na encruzilhada”, de Viriato da Cruz, é um de seus melhores poemas.

Já na edição de 2021 da *Lavra & Oficina*, como já visto, sem abandonar as entrevistas e os outros gêneros textuais, apresenta-se uma mudança significativa no exercício crítico, com uma tendência, talvez a mais evidente, a de, dificilmente, se restringir apenas à leitura da obra. Os críticos, quase sempre, recorrem ao contexto histórico e político para interpretar e fazer as suas análises, como o crítico Itamar Cossi, quando faz a sua leitura das obras de Sara Fialho e Marta Santos a partir do “Mito”, do “Arquivo” e da “descolonialidade”. Essa questão também aparece nos textos de Manuel Muanza, ao aproximar as obras *Mayombe*, de Pepetela, *O ministro*, de Uanhenga Xitu, e *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de Luandino Vieira, para discutir a ideia de *mimese* na sociedade angolana, estabelecendo uma relação entre a ficção e a realidade histórica de Angola; de Job Sipitali, ao elencar alguns dos temas mais recorrentes na literatura angolana e realizar a leitura do conto “Mulato de sangue azul”; e de João Fernando, no prefácio de *Sexta festa – crónicas ao acaso*, de João Rosa Santos, tendo em vista que o crítico mobiliza o contexto histórico como principal chave para a compreensão da leitura e ressalta que ela poderia ser compreendida até como um documento histórico.

Por sua vez, o crítico David Capelenguela recorre aos estudos da estética hegeliana para compreender a poesia de Amélia Dalomba e reconhece que, na escrita da autora, há um espaço em que o mundo exterior é constantemente atravessado pela experiência subjetiva. Outro parâmetro observado consiste na leitura de obras a partir de conceitos como “angolanidade” e “santomensidade”, compreendidos como formas de valorização da identidade cultural nas análises de obras literárias. Para Kandjimbo, na entrevista concedida ao pesquisador João Maria, a angolanidade é compreendida como um conjunto de referências culturais e memórias coletivas que orientam a escrita de autores. De modo semelhante, Lopito Feijóo, ao ler a obra da são-tomense Goretti Pina, aponta para esses pressupostos históricos e culturais de São Tomé e Príncipe, apostando nessa dimensão da “santomensidade”. Mesmo que Feijóo escreva sobre uma autora que não é de Angola, chama a atenção o aspecto crítico evidente em sua análise, já que esse parâmetro também se observa em outros críticos. Outra abordagem observada consiste na incorporação de conceitos específicos, nas análises literárias, como o ensaísta João Fernando André, que, ao analisar os poemas de Costa Andrade e Lopito Feijóo, recorre ao conceito de

heroificação para compreender a construção dos personagens elevados a heróis na literatura angolana. O mesmo acontece com Edmira Cariango Manuel, ao analisar a obra *As simetrias da mulher*, de Marquita 50, já que ela adota o erotismo para realizar a sua análise, compreendendo-o como um recurso expressivo responsável pela construção da linguagem poética.

A análise ou a leitura dos textos que compõem o primeiro volume da revista *Mayombe* permite concluir que os críticos recorrem a diversas abordagens teóricas e metodológicas para escrever os seus textos, desde a semiótica à historiografia literária, da crítica comparatista às abordagens de cunho histórico. Isso mostra, como apontou Agostinho João, na nota editorial, que não há uma única forma de fazer crítica literária e que os críticos angolanos recorrem a várias abordagens teóricas. Ao longo das leituras das críticas, percebe-se uma tendência a relacionar a obra ao contexto em que se insere. É o que acontece na escrita de António Cambanda, que, ao analisar a obra de Lopito Feijóo, recorre ao contexto angolano; o mesmo acontecendo com Marques Nganga, ao analisar a obra *Bola com feitiço*, de Wanhenga Xitu; e Job Sipitali, ao escrever sobre a obra *Angola angolê angolema*, de Arlindo Barbeitos.

Há, ainda, aqueles que utilizam a análise literária para levantar algumas tensões sobre as abordagens nas escritas de alguns autores, como Hamilton Venokanya, que, ao realizar uma crítica analítica, chama a atenção para um aspecto político, tanto na literatura quanto na crítica, discutindo os critérios de legitimação e autenticidade; também, de modo semelhante, Agostinho João levanta uma outra tensão sobre a discussão envolvendo os intelectuais Luís Kandjimbo e Jacques Arlindos dos Santos acerca da existência ou ausência de uma crítica literária em Angola. No mesmo espaço em que aparecem esses atravessamentos políticos, há críticos, como Destino Ventura, João Fernando André, David Calivala, preocupados sobretudo com a leitura e que recorrem a conceitos específicos para fundamentar a sua análise. Nos ensaios, Ventura recorre à semiótica como eixo de sua análise interpretativa na obra Ema Nzandi; André retoma o antonianismo para analisar a obra de José Mena Abrantes; enquanto Calivala, por sua vez, parte da noção de indigenismo na obra de Maria Manuela Rocha. Numa fundamentação ousada, merece destaque Waxyakulo Francisco, tendo em vista que ele fundamenta a sua análise da obra de Agostinho Neto nos princípios hermenêuticos estruturalista e filosófico-materialista. Notam-se, também, algumas abordagens a partir do gênero resenha, que, embora possa ser analisado como crítica literária, não mobiliza tanto conceitos teóricos. Nas resenhas, têm-se análises centradas na apreciação da escrita dos autores, como as de Luísa Frestas, sobre *Os transparentes*, de Ondjaki; de Domingas Monte, acerca da obra *Março entre meridianos*, da própria Luísa Frestas; de Pedro Mayamona, sobre *O álbi perfeito*, de Patrícia Highsmith; e de Hélder Simbad, ao resenhar a obra *O ocaso dos pirilampos: o romance de confissão*, de Adriano

Mixinge.

De modo a valorizar a autonomia do texto literário e a afastar algumas concepções que tendem a analisar autor e obra sob o mesmo prisma, Edmira Cariango Manuel recorre à obra *As simetrias de mulher*, de Marquita 50, para mostrar como se constroem os mecanismos expressivos do discurso poético. Na crítica comparativista, destacam-se Fernando Dyakafunda, ao trazer a condição feminina a partir da angolana Paula Tavares e da portuguesa Florbela Espanca; e João Ngola Trindade, ao discorrer sobre duas teses de dois autores pesquisadores, sendo eles Cássio Santos Melo e Raquel Silva.

Na segunda edição da revista *Mayombe*, essas tendências continuam a aparecer. Compreendendo a crítica literária a partir de uma “verdade científica”, para além do aspecto político, “ousadia” seria a melhor palavra para descrever a coragem de Hélder Simbad ao comparar as obras de Agostinho Neto e Jonas Savimbi, sobretudo, pelo contexto político dos dois líderes. A crítica portuguesa Ana T. Rocha, por sua vez, recorre ao conceito “escrita de si”, popularizado por Michel Foucault, como parâmetro para analisar a obra *Papéis da prisão*, de Luandino Vieira.

Sendo um dos poucos casos de críticos que ultrapassam o contexto angolano, Fernando Dhyakafunda, em seu ensaio sobre a obra do moçambicano Mía Couto, recorre ao conceito de realismo animista, aproximando a obra “miacoutiana” de matrizes culturais africanas, como a Bantu. Enquanto Destino Ventura toma como base de sua leitura a intertextualidade, colocando em diálogo as obras de Hélder Simbad e Kalunga, por meio de uma leitura dialética e filosófica. É possível notar, ainda, que os críticos assumem uma postura explicitamente valorativa em certas análises, como Job Sipitali, que ao analisar a antologia, fazendo uma separação entre o trigo e joio, ressalta aqueles autores que conseguiram (ou não) construir uma linguagem adequada ao público infantil. Sob três perspectivas diferentes, caminho para o fim ressaltando que José Bembo Manuel volta o seu olhar para os aspectos sonoros na poesia de Denise Kangandala, tomando a fonoestilística como principal parâmetro de leitura; Estêvão Ludi fundamenta a sua leitura nos conceitos de signo e semiose na obra de Reinira²⁸ e David Calivala estabelece aproximações entre a tradição oral angolana e a função pedagógica na obra de Gociante Patissa.

Caminhando para o fim deste capítulo, esta quarta leitura já evidencia que muitos são os caminhos percorridos pelos críticos angolanos em suas análises literárias. A crítica literária vista nos textos reafirma o compromisso que a *Mayombe* já evidenciava na introdução, pautada na “criteriosidade do fenómeno literário e pela verdade científica”, sobretudo, longe do “achismo”. Foi possível perceber, ao longo dos ensaios, que os críticos mobilizaram diferentes

(muito diferentes) abordagens, assim como na edição anterior, tais como teorias filosóficas, comparatistas, estilísticas, linguísticas, etc. E, como era de se esperar, tendo em mente a leitura da edição anterior, muitos críticos retomaram o universo no qual a obra se insere para realizar sua análise. Há, ainda, mesmo que de forma muito incipiente, espaço para a literatura infantojuvenil, mesmo que seja apenas um texto. É de se pensar na valorização dessa produção.

No último periódico, “Cultura”, embora nem todos os textos evidenciem explicitamente o papel de crítica literária, e nem todos, de fato, assumam essa função, pode-se perceber que o periódico se constitui em um espaço para a circulação de obras e autores já consagrados. Nas análises dos críticos, especialmente nos textos de Gil Vieira, Lopito Feijóo e AC Khamba, notam-se diversas abordagens da crítica literária. Enquanto Vieira privilegia a relação entre a obra e a realidade vivida por muitos casais com o fim do casamento, na obra de Tony Frampénio; Feijóo recorre aos aspectos estéticos e formais da poesia de Akiz Neto; e Khamba volta-se para o olhar identitário e a cultura a partir do conceito de “angolanidade” na obra de Boaventura Cardoso.

Os autores que afirmam não haver uma crítica literária em Angola tendem a defender que ela deve estar vinculada a instituições de ensino, sendo exercida por professores especializados e acadêmicos universitários. No entanto, ao longo da leitura do *corpus*, foi possível observar que, muitas vezes, a formação ou vinculação institucional dos críticos nem sequer aparece em seus textos. Evidentemente, essa afirmação não quer dizer que eles não tenham formação acadêmica, mas é certo que dificulta a identificação de seus percursos acadêmicos e intelectuais, limitando o levantamento de quem faz a crítica literária em Angola. Vale ressaltar, ainda, que muitos críticos, especialmente os da revista *Mayombe*, não fazem distinção entre um poeta bom e um poeta ruim, entre o trigo e o joio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS DA CRÍTICA LITERÁRIA EM ANGOLA

Em um cenário ideal, esta pesquisa consistia em analisar a circulação da crítica literária em Angola entre 2020 e 2025, supondo ser possível identificar um conjunto expressivo de revistas e periódicos angolanos dedicados a ela. No entanto, desde a elaboração do projeto, já se evidenciava a possibilidade de lacunas nesse percurso, tanto pela dificuldade de encontrar edições desses periódicos quanto pela descontinuidade de outros, o que resultou numa ausência de objetos de estudo de 2023 e 2025. A *Mayombe*, por sua vez, conta apenas com dois volumes, sendo um de 2021 e outro de 2022, o que, de certa forma, já evidencia uma lacuna na crítica literária; a revista *Lavra & Oficina*, aparentemente, tem volumes anteriores e posteriores à edição de 2021, trabalhada nesta pesquisa, contudo, não foi possível acompanhar ou ter acesso a essas edições; resta apenas a seção “Cultura” que, convenhamos, não é uma revista de crítica literária.

Durante a elaboração do projeto, uma alternativa para chegar mais próximo da compreensão da crítica literária em Angola consistia em realizar entrevistas com alguns críticos literários com a intenção de compreender como eles percebem a crítica literária no contexto angolano e qual o lugar que ela ocupa na legitimação das obras ali produzidas. Mesmo que essa etapa não tenha sido concebida para a monografia, mas para o portal *Eu Sendo Leitor*, com os professores e críticos literários Hélder Simbad, Abreu Paxé e José Luís Mendonça, foi possível chegar o mais próximo possível da dimensão crítica em torno da crítica literária em Angola. Ao realizar uma breve leitura das entrevistas, fica evidente que uma das causas da crítica literária ser muito incipiente no país é, sobretudo, por causa da dimensão política, partidária, neste caso, que impede que muitos críticos façam as suas análises.

Na entrevista “‘A crítica não traz pão à mesa de ninguém’: entrevista com o professor, escritor e crítico literário Hélder Simbad”, destacou-se a importância da crítica literária e como ela vem se consolidando ao longo desses anos, sobretudo a partir de 2015, com o surgimento do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris e das formações em estudos literários realizadas pelo movimento em questão.

Ao longo das entrevistas, foi possível perceber que dois dos meus objetos de análise não estão mais em circulação: a *Mayombe*, o que já era de se notar, por causa do seu último volume ter sido há quatro anos; e a *Lavra & Oficina*, que deixou de publicar devido a questões internas ligadas às eleições da UEA, restando apenas a seção “Cultura” do *Jornal de Angola*.

Em determinados momentos, ao longo da leitura do *corpus*, algumas afirmações e contradições sobre a crítica literária em Angola chegaram a ser um pouco irônicas, mas, a essa

altura, após a leitura das entrevistas e dos periódicos, a ironia não parece mais adequada para representar essas contradições. É certo que soa um pouco contraditório afirmar que não existe uma crítica literária em um periódico destinado a isso, entretanto, é válido notar que, quando esses intelectuais afirmam isso, eles não estão falando de críticos legitimados, reconhecidos internacionalmente, como Luís Kandjimbo, Lopito Feijóo, Abreu Paxé, Hélder Simbad e muitos outros que apareceram anteriormente. O que não há, de fato, são espaços de circulação para esse exercício crítico. O próprio Hélder Simbad ressaltou, na entrevista, que não há espaços de circulação. Cito: “E é preciso dizer que, em Angola, nós não temos uma crítica regular que se predisponha, por exemplo, semanalmente ou quinzenalmente ou, ainda, mensalmente, [a] tratar das obras mais recentes” (Simbad, 2026), reforçando que não há espaços para a circulação da crítica, nem para obras mais antigas nem para autores mais jovens. Quanto à seção “Cultura”, o crítico ressaltou que não é um periódico de crítica literária, é um jornal das artes. No que tange ao ambiente acadêmico (institucional), Simbad destaca certa fragilidade, bem como um fechamento: “As instituições são muito fechadas” (Simbad, 2026, não paginado).

As afirmações de Simbad mostram que não há um espaço efetivo, no âmbito acadêmico, para a legitimação da crítica literária, mas há caminhos e apostas a serem feitos; tanto é que, em seguida, o crítico ressaltou que, na Universidade Jean Piaget, tentou desenvolver a revista *Voz enunciativa*, que conta com apenas uma edição, mas não teve apoio da instituição para dar continuidade. Borges Coelho, em seu texto mencionado anteriormente, diz que o *locus* da crítica literária dos países africanos de língua oficial portuguesa é o eixo Brasil-Portugal, Simbad, na entrevista, ressaltou que “É mais fácil, por conta do status, criar-se protocolos e eventos científicos com universidades brasileiras – isso tem acontecido” (Simbad, 2026, não paginado), mostrando que é mais fácil recorrer a esse *locus* posto pelo moçambicano.

Por sua vez, o crítico literário Abreu Paxé, na entrevista “‘T tecnicamente, é essa a função da literatura: nos humanizar e explicar a cultura’: entrevista com o Professor Abreu Paxé”, reconhece o papel desses periódicos na legitimação do sistema literário angolano, entendendo que eles ocuparam um lugar que a extensão universitária não desempenhou. O crítico afirma: “Então, esses jornais, no fundo, ou as revistas, faziam o papel que a ausência das instituições de ensino superior, com atividades voltadas ao estudo e crítica da literatura angolana, não faziam” (Paxé, 2026, não paginado). Além do mais, ele acrescenta que esses periódicos trabalhados nesta pesquisa contribuem não tanto para um “processo de consolidação” da crítica, mas para uma maior sistematização” (Paxé, 2026, não paginado).

Ao longo da construção da pesquisa, desde a elaboração do projeto, foi possível notar autores que ressaltam que suas obras circulam e são estudadas mais fora de Angola do que no

próprio país. Durante a entrevista, Paxe ressaltou:

A crítica, tecnicamente, a mais acreditada e esperada pelos cultores da literatura, pelos escritores, é a que é exercida fora. Os professores que estão aí no Brasil, que são estudiosos das literaturas africanas, e que estão em Portugal, também estudiosos das literaturas africanas, esses são os mais credíveis, porque são amigos dos escritores e foram acompanhando o próprio crescimento do processo da literatura angolana. (Paxe, 2026, não paginado)

Essa afirmação mostra que há um problema no próprio reconhecimento da crítica literária feita pelos acadêmicos angolanos sobre obras de autores também angolanos, já que esse reconhecimento não existe. É certo, por fim, que as afirmações sobre a ausência de uma crítica literária em Angola em nada contribuem para a sua consolidação.

Na última entrevista, intitulada “‘A melhor literatura do mundo é política’: entrevista com o poeta angolano José Luís Mendonça”, o autor angolano, que foi a primeira fonte para a construção desta pesquisa, reforçou que mantém o seu posicionamento de vinte anos atrás sobre a crítica literária. Nas falas do autor, ao ser questionado se mantém o mesmo posicionamento, ele ressaltou:

Continuo a manter a mesma posição, porque a situação está igual à, praticamente, do início da independência. O que aconteceu em Angola e acontece? Angola obteve sua independência sob o primado da partidarização. Uma coisa é política — a melhor literatura do mundo é política — e outra coisa é a partidarização das coisas. Há uma partidarização. Os mais conhecidos escritores e artistas vieram com o MPLA — eram e são do MPLA, a maior parte deles —, e a União dos Escritores nasceu e até está crescendo sob as rédeas do partido (Mendonça, 2026, não paginado).

Esse trecho reforça o que já havia sido mencionado acima, isto é, como essa dimensão política, vivenciada pelo país, acaba por atravessar muitas leituras e análises literárias, interferindo em muitas produções e na própria escolha dos autores lidos e comentados. O autor ainda reforçou que sua obra tem mais estudos fora de Angola do que dentro do próprio país. Ele disse: “o reconhecimento internacional é uma grande legitimação da nossa obra. Eu tenho mais estudos feitos fora do país do que aqui dentro” (Mendonça, 2026, não paginado). Essa afirmação mostra que há uma tendência dos autores a reconhecerem ou verem que suas obras são mais estudadas fora de Angola. Ao longo da entrevista, ao ser questionado sobre se concorda com os autores Boaventura Cardoso e Michel Kanianga, a respeito das afirmações de que falta uma crítica literária em Angola, Mendonça afirmou:

Absolutamente. Eu concordo. Eu próprio tenho dito a mesma coisa por outras palavras. A institucionalização da crítica literária poderia ser feita através da Faculdade de Humanidades; do Instituto Superior de Ciências da Educação, o ISCED, onde está o Abreu Paxe, por exemplo, e outros professores de literatura (Mendonça,

2026, não paginado).

As entrevistas realizadas com Hélder Simbad, Abreu Paxe e José Luís Mendonça reforçaram a ideia de que a consolidação da crítica literária angolana, como se pode ver ao longo da pesquisa, gira em torno dos espaços acadêmicos. Ela só poderá ser consolidada e sistematizada quando essas instituições de ensino, como a Universidade Agostinho Neto, a Universidade Católica de Angola e tantas outras, começarem a valorizar mais o papel da literatura no processo de formação.

Retomando a fala de Boaventura Cardoso que consta no subtítulo da introdução, “faz-nos muita falta a crítica literária”, pode-se afirmar que é um pensamento a ser problematizado ou revisto, pois, como o próprio Hélder Simbad ressaltou na entrevista, “[...] há crítica literária em Angola, porque há livros a serem publicados, há jornais que trazem um ou outro texto. Não se pode dizer que não há crítica literária” (Simbad, 2026, não paginado), mas, como afirmou Abreu Paxe, os pesquisadores brasileiros e portugueses “são os mais credíveis” (Paxe, 2026, não paginado).

Caminhando para o final, é possível dizer que há tentativas de consolidação e sistematização de espaços críticos, ainda que avancem de maneira lenta e descontínua. A própria leitura dos periódicos demonstra esse exercício crítico. Mesmo que não esteja mais em circulação, a *Mayombe* atuou na disseminação do pensamento crítico, embora muitas análises literárias na revista fossem fracas e inconsistentes, com conceitos e teorias que não foram bem relacionados com as obras; quanto a *Lavra & Oficina*, sua circulação depende de questões internas da UEA para voltar a acontecer, restando apenas a seção “Cultura”. Nas novas cenas da crítica literária em Angola, vale destacar e finalizar com a informação de que está para surgir uma nova revista de crítica literária, organizada, novamente, por Hélder Simbad. Segundo o crítico, na entrevista que concedeu ao *Eu Sendo Leitor*: “Está a surgir uma outra, vamos lançar em julho, que se chama *Muswalu*. *Muswalu* significa peneira. Eu olhei para a perspectiva da crítica em grego *krínein*, que é peneirar, e decidi trazer essa palavra numa das nossas línguas nacionais, que é o quimbundo. A revista vai se chamar *Muswalu*” (Simbad, 2026, não paginado). Encerro, então, afirmando que em Angola, de fato, não há uma crítica literária audaz e regular que atue no processo de legitimação de obras de autores angolanos. Há críticos, mas não há espaços para a circulação da crítica.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, João Fernando. Antonianismo em «Kimpa Vita, a profetisa ardente» de José Mena Abrantes. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 61-67, 2021.
- ANDRÉ, João Fernando. Heroificações na literatura angolana: o caso dos poemas “Augusto Ngangula”, de Costa Andrade & “Toque filosofal”, de Lopito Feijóo. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 25-26, maio/jun. 2021.
- ARAÚJO, Nabil. Crítica literária. In: JOBIM, José Luís. ARAÚJO, Nabil. SASSE, Pedro Puro. (org.). **(Novas) Palavras da Crítica**: Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021. p. 44-64.
- CALIVALA, David. África sobre o olhar indigenista de Maria Rocha. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 68-72, 2021.
- CALIVALA, David. As dimensões do tradicional e os aspectos pedagógicos no conto O homem que plantava aves de Gociante Patissa. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 2, p. 90-97, 2022.
- CAMBANDA, António César. Falas, farfalhas e falhas em «Doutrinárias Lâminas Doutrinárias» de J. A. S. Lopito Feijóo. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 1-15, 2021.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CAPELENGUELA, David. Íntima fracção: o tacto, o gesto e o acto metafórico na poesia de Amélia Dalomba. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 4-5, maio/jun. 2021.
- CAPELENGUELA, David. Palavra de circunstância. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 3, nov./dez. 2020.
- CARDOSO, Boaventura. Faz-nos muita falta a crítica literária. Entrevistador: João Maria. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 9-10, nov./dez. 2020.
- COELHO, João Paulo. Lugares da escrita, lugares da crítica. In: BRUGIONI, Helena *et al* (org.). **Itinerâncias: percursos e representações da pós-colonialidade**. Portugal: Húmus: 2012, p. 193-201.
- COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- COSSI, Itamar. Mito, arquivo e descolonialidade em narrativas angolanas contemporâneas. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 16-18, maio/jun. 2021.
- CULTURA: Jornal Angolano de Artes e Letras, n. 290, p. 20-21, 2024.
- DALOMBA, Amélia. Há duas décadas, Amélia Dalomba conversou com Luís Kandjimbo que, entre 1999 e 2001, animou o programa «leituras» em horário nobre nos Ecrans da TPA. Entrevistador: Luís Kandjimbo. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 29-35, maio/jun. 2021.

DANIEL, Ernesto. «Além da noite» de João Tala, um mistério por se desvendar. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 108-115, 2021.

DHYAKAFUNDA, Fernando. A mística do entrecruzamento e semioses interlocutivas: marcas do insólito em Mia Couto. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 2, p. 30-37, 2022.

DURÃO, Fabio Ackcelrud. **O que é crítica literária?**. São Paulo: Nankin/ Parábola, 2016.

DYAKAFUNDA, Fernando. A condição feminina evidenciada na poesia de Paula Tavares e Florbela Espanca – uma tentativa de proximidade. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 46-50, 2021.

FEIJÓO, Lopito. Com tensões verbais - subsídios de memória. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 19-21, nov./dez. 2020.

FEIJÓO, Lopito. Folha de 25 linhas - Revisitando a poesia de Akiz. **Cultura: Jornal Angolano de Artes e Letras**, n. 290, p. 22, 2024.

FEIJÓO, Lopito. Goretti Pina & As gargalhadas de Mestre Juju. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 21-22, maio/jun. 2021.

FERNANDO, Luís. Do (puro) ano do vírus! – prefácio às crónicas de João Rosa Santos. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 27-28, maio/jun. 2021.

FRANCISCO, Waxyakulo. Uma análise psíquica ao poeta Agostinho Neto a partir do poema «Conscencialização». **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 52-56, 2021.

FRESTA, Luísa. As transparências de Ondjaki. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 31-34, 2021.

GAZETA LAVRA & OFICINA, publicação da União dos Escritores Angolanos. Luanda: n.º 4, maio-junho 2021.

GAZETA LAVRA & OFICINA, publicação da União dos Escritores Angolanos. Luanda: n.º 1, novembro-dezembro 2020.

GONÇALVES, Zetho Cunha. 2 poemas quase desconhecidos de Jacinto e Viriato. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 22-23, nov./dez. 2020.

JOÃO, Agostinho. Editorial, talvez prefácio, o texto de todos os textos. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 2, p. 5-10, 2022.

JOÃO, Agostinho. Editorial. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 1-7, 2021.

JOÃO, Agostinho. O animal menos dotado contra o cágado no cepo: fobia argumentativa, egocentrismo doentio, falácias de diversão e narcisismo indígena – enfrentamento dialéctico do choque discursivo entre Luís Kandjimbo e Jacques dos Santos. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 93-106, 2021.

KANDJIMBO, Luís. A disciplinarização da literatura angolana: história, cânones, discursos

legitimadores e estatuto disciplinar. **Revista de Estudos Literários**, Coimbra, v. 5, 2015, p. 49-103.

KANDJIMBO, Luís. Na angolanidade literária subjaz uma angolanidade. Entrevistador: João Maria. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 9-11, maio/jun. 2021.

KANIANGA, Michel. A produção do livro em Angola: dificuldade e estratégia. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 19-20, maio/jun. 2021.

KHAMBA, AC. A identidade cultural angolana no narrador de “Maio, Mês de Maria”. **Cultura: Jornal Angolano de Artes e Letras**, n. 290, p. 26-28, 2024.

LUDI, Estêvão. Da acomodação disfêmica à semiose: um olhar sobre algumas expressões na obra com quem me casei de Reinira²⁸. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 2, p. 84-89, 2022.

MANUEL, Edmira Cariango. A presença do erotismo como forma de expressão no texto poético: incursão aos versos de “As simetrias de mulher” de Marquita 50. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 36-37, maio/jun. 2021.

MANUEL, Edmira Cariango. O autor e o sujeito lírico no poema «Lua(anda)» de Marquita 50. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 41-44, 2021.

MANUEL, Emanuel Cariango. Radiografia da alma humana e a utilidade da poesia em Rua da insónia de João Tala. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 2, p. 56-60, 2022.

MANUEL, José Bembo. Ritmos da natureza: um olhar fonoestilístico à Arquipélago sonoro de Denise Kangandala. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 2, p. 78-81, 2022.

MAYAMONA, Pedro. Onde há uma mulher, haverá sempre um crime: um olhar transversal sobre «O álibi perfeito» de Patrícia Highsmith. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 73-76, 2021.

MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária. Falas, farfalhas e falhas em «doutrinárias lâminas doutrinárias» de J. A. S. Lopito Feijóo k., n. 1, p. 1-65, 2021.

MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária. No ringue da crítica literária: confluências e enfrentamento filosófico entre Agostinho Neto e Jonas Savimbi, n. 2, p. 1-88, 2022.

MENDONÇA, José Luís. ‘A melhor literatura do mundo é política’: entrevista com o poeta angolano José Luís Mendonça. [Entrevista concedida a] Dalyson Oliveira e Bernardo Amorim. Eu Sendo Leitor. 15 junho 2026. Disponível em: <https://eusendoleitor.com.br/a-melhor-literatura-do-mundo-e-politica-entrevista-com-o-poeta-angolano-jose-luis-mendonca/> Acesso em: 3 jul. 2026.

MENDONÇA, José Luís. “Carlos Drummond continua a fascinar-me”. **Poesia Sempre**, Brasília, n. esp. Dedicado à poesia de Angola e Moçambique, n. 23, p. 17-20, 2006.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTE, Domingas. Tela, caneta em refluxos. **MAYOMBE: Revista angolana de Crítica Literária**. n. 1, p. 58-60, 2021.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. Sistema Literário. *In*: JOBIM, José Luís. ARAÚJO, Nabil. SASSE, Pedro Puro. (org.). **Novas Palavras da Crítica II**: Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2023. p. 253-276.

MORAIS, Fragata de. “Muitos desses jovens auto-intitulados “escritores” nem conhecem os clássicos da literatura angolana”. **Cultura**: Jornal Angolano de Artes e Letras, n. 290, p. 20-21, 2024.

MUANZA, Manuel. Liberdade e mimese nas belas artes. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 23-24, maio/jun. 2021.

NEHONE, Roderick. A literatura angolana não se esgota numa ousada descrição. Entrevistador: João Maria. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 26-27, nov./dez. 2020.

NETO, Maria Eugénia. O sentido patriótico está muito em baixo. Entrevistador: João Maria. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 13-14, nov./dez. 2020.

NGANGA, Marques. Conflitos de crenças e/ou forças em «Bola com feitiço» de Wanhenga Xitu. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 1, p. 35-39, 2021.

PATISSA, Gociante. A origem do nome lusati. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 14-15, maio/jun. 2021.

PATISSA, Gociante. Agora é trimestral. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 3, maio/jun. 2021.

PATISSA, Gociante. Gazetar em ano assintomático. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 4, nov./dez. 2020.

PAXE, Abreu. ‘Tecnicamente, é essa a função da literatura: nos humanizar e explicar a cultura’: entrevista com o Professor Abreu Paxe. [Entrevista concedida a] Dalyson Oliveira e Bernardo Amorim. Eu Sendo Leitor. 15 junho 2026. Disponível em: <https://eusendoleitor.com.br/tecnicamente-e-essa-a-funcao-da-literatura-nos-humanizar-e-explicar-a-cultura-entrevista-com-o-professor-abreu-paxe/> Acesso em: 3 jul. 2026.

PEREIRA, Mário Luís. Haja concursos literários em línguas nacionais. Entrevistador: Gociante Patissa. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 11-12, nov./dez. 2020.

ROCHA, Ana. T. Papéis da prisão, de Luandino Vieira: a escrita de si no século da violência. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 2, p. 20-29, 2022.

SANTOS, Arnaldo. Há 21 anos na TPA estreava o programa «leituras» Luís Kandjimbo conversa com Arnaldo Santos. Entrevistador: Luís Kandjimbo. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 15-18, nov./dez. 2020.

SILVA, Katiana. O prémio é o reconhecimento de um livro e não de toda a obra. **Cultura**: Jornal Angolano de Artes e Letras, n. 290, p. 23, 2024.

SILVA, Katiana. Rainha Njinga Mbande em género infantil pela pena de Elsa Bárber. **Cultura**: Jornal Angolano de Artes e Letras, n. 290, p. 29, 2024.

SIMBAD, Helder. ‘A crítica não traz pão à mesa de ninguém’: entrevista com o professor, escritor e crítico literário Helder Simbad. [Entrevista concedida a] Dalyson Oliveira e Bernardo Amorim. Eu Sendo Leitor. 14 junho 2026. Disponível em: <https://eusendoleitor.com.br/entrevista-com-o-professor-escritor-e-critico-literario-helder-simbad/> Acesso em: 3 jul. 2026.

SIMBAD, Helder. No ringue da crítica literária: confluências e enfrentamento filosófico entre Agostinho Neto e Jonas Savimbi. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 2, p. 12-19, 2022.

SIMBAD, Helder. Uma leitura psicocrítica do *modus operandi* do déspota de «O ocaso dos pirilampos»: o romance de confissão. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 1, p. 117-126, 2021.

SIPITALI, Job. A dimensão mitológica, humorística e a metamorfose cultural em «Angola angolê angolema» de Arlindo Barbeitos. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 1, p. 78-81, 2021.

SIPITALI, Job. A práxis da linguagem primária e não primária em Boneca de pano: colectânea do conto infantil angolano. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 2, p. 71-77, 2022.

SIPITALI, Job. Intersecções entre a literatura, a história, a política e a rejeição identitária em Manuel Rui Monteiro: o caso do conto “Mulato de sangue azul”. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 40-41, maio/jun. 2021.

SIPITALI, Job. O meu princípio teve uma fase dolorosa. Entrevistador: Gociante Patissa. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 35, nov./dez. 2020.

TALA, João. Que prémios literários e a que níveis temos? Entrevistador: Gociante Patissa. **GAZETA LAVRA & OFICINA**. Luanda: n.º 4, v. 3, p. 7, maio/jun. 2021.

TRINDADE, João Ngola. Incoerência discursiva em «A Lunda de Castro Soromenho: alegorias de um império ido (1930-1968)» de Cássio Santos Melo e em «Figurações da Lunda: experiência histórica e formas literárias» de Raquel Silva. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 1, p. 82-91, 2021.

VENOKANY, Hamilton. ACRÍTICA ANALÍTICA – UMA ABORDAGEM SOBRE AUTENTICIDADE LITERÁRIA NO PANORAMA DA LITERATURA ANGOLANA. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 1, p. 17-22, 2021.

VENTURA, Destino. A grande diferença entre ser conduzido e ser arrastado: intertextualidade entre enviesada rosa, insurreição dos signos e evangelho bantu. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 2, p. 46-52, 2022.

VENTURA, Destino. Pelo olhar da semiótica: leitura crítica e interpretativa de «Pintura dos ecos» de Ema Nzandi. **MAYOMBE**: Revista angolana de Crítica Literária. n. 1, p. 24-30, 2021.

VIEIRA, Gil. Livro “Casados e Cansados” reflecte problemas conjugais. **Cultura**: Jornal Angolano de Artes e Letras, n. 290, p. 4, 2024.

VIEIRA, Luandino. Memórias UEA 45 anos com Luandino Vieira Distribuíamos livros como

ração de combate'. Entrevistadores: João Maria; Gociante Patissa. **GAZETA LAVRA & OFICINA**, Luanda: n.º 1, p. 6-8, nov./dez. 2020.